UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação
Faculdade de Educação

Dissertação de Mestrado

A formação humana como ponto de confluência na Pedagogia de Rousseau

Patrícia Tarouco Manetti Becker

Pelotas, 2012

PATRÍCIA TAROUCO MANETTI BECKER

A formação humana como ponto de confluência na Pedagogia de Rousseau

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profª. Drª. Neiva Afonso Oliveira

Pelotas, 2012

Catalogação na Publicação:
Maria Fernanda Monte Borges
Bibliotecária - CRB-10/1011

B396f Becker, Patrícia Tarouco Manetti
A formação humana como ponto de confluência na Pedagogia de Rousseau / Patrícia Tarouco Manetti Becker ; orientadora Neiva Afonso Oliveira. – Pelotas, 2012.
91 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, 2012.

1. Educação 2. Rousseau, Jean-Jacques 3. Formação humana I. Oliveira, Neiva Afonso (orient.) II. Título.

CDD 370

Banca examinadora:

Prof. Dr. Cláudio Almir Dalbosco (UPF)
Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi (UFPel)
Profª. Drª. Leoni Maria Padilha Henning (UEL)
Prof. Dr. Vilmar Alves Pereira (FURG)
Profª. Drª. Neiva Afonso Oliveira (Orientadora - UFPel)

Ao meu esposo Flademir
e aos meus filhos Eduardo e Juliana.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela dádiva da vida e pelas pessoas que colocou no meu caminho: meus familiares, amigos, professores e colegas de escola, pois são pessoas que, a cada instante, contribuem para minha formação, fazendo eu pensar/repensar e ver/rever ideia e atitudes. Enfim, fizeram e fazem toda a diferença em minha vida.

Aos meus pais pela maneira que me orientaram, sempre pensando nos limites e mostrando que sempre temos algo a aprender; quando somos adolescentes vivemos de regras, de pensarmos em nossas atitudes se convenientes para a nossa idade, ou seja, nada deve ser feito ao acaso e sim em relação se é o momento adequado e também por sempre colocarem que tudo que fizesse errado seria prejuízo para minha pessoa, então que deveria sempre pensar nos benefícios e nos malefícios de minhas atitudes.

À Fernanda, minha irmã, agradeço pela forma com que sempre compreendeu minhas atitudes. Sou grata ainda à mesma pelo apoio.

À minha vó Ninita (in memorian), agradeço pelos momentos de carinho, de confiança e de colo que me foram proporcionados até os quatorze anos e que me acompanham nas lembranças até os dias de hoje.

Agradeço à Tia Tereza, minha leal conselheira, pelos felizes períodos de férias que convivi com ela; à minha prima Rosane, pelas brincadeiras de boneca e pelas conversas sobre tantos temas; ao primo Rogério, o qual brincava de esconde-esconde e de super-heróis, correndo pelos corredores da casa. Todos vocês foram (e são), sem dúvida alguma, muito importantes em minha caminhada.

Sou também grata ao primo Fabrício que participou de minha juventude em Piratini, onde éramos parceiros e confidentes; às amigas de magistério Andreia, Renata e Odete, que contribuíram muito para minha formação, compreendendo que tinha horários para voltar para casa, que tinha que dar satisfação de minhas atitudes para meus pais.

Ao Vovô Lili, com saudosismo, sou eternamente agradecida pelo seu carinho e pelos momentos tão significativos desfrutados em sua companhia, momentos estes recheados por suas histórias de acampamentos, de pescaria, de carreiras[1], de

[1] Corrida de cavalos muito comum em cidades do interior. Também conhecida por *pencas*.

serenatas, das caçadas e de seus tombos, dos bailes, da Semana Farroupilha, das festas de aniversário e das brejeiradas que fazia na sua época de adolescente com seus amigos nas ruas de Piratini.

Ao meu esposo Flademir, sou grata pelo apoio em me ajudar nos afazeres domésticos e cuidados com os filhos, a me esperar para jantar, me levar e buscar na parada de ônibus nas madrugadas, a entender que cursar o mestrado era uma busca pelo aperfeiçoamento profissional, assim como ocorreu quando fiz a graduação e a especialização. Agradeço também pela confiança depositada em mim. Seu amor, compreensão e apoio foram imprescindíveis em minha vida.

Aos meus filhos, Eduardo e Juliana, agradeço por entenderem a minha ausência em casa e em outros momentos importantes de suas vidas. Foi também por vocês que me lancei neste desafio.

Um dos motivos de estar concluindo esta pesquisa é o fato do amigo Dirlei incentivar-me a realizar a inscrição como aluna especial e, mais tarde, estar disposto a entregar meu projeto, o currículo e o memorial no período proposto pelo PPGE, pois tive problemas particulares e assim não poderia ter participado da seleção. Enfim, este amigo incentivou-me, apoiou-me nos momentos em que precisava para seguir meus estudos a fim de realizar-me pessoal e profissionalmente, pois ser educadora é algo que me emociona, por saber que tenho oportunidade de mudar algo da realidade.

À Profª. Drª. Neiva Afonso Oliveira, minha orientadora, o meu agradecimento por sua confiança e por estar presente, a meu lado, durante todo este período. Seu exemplo de ser humano e de pesquisadora foram essenciais na caminhada por mim percorrida no decorrer do curso.

Ao Prof. Dr. Avelino da Rosa Oliveira, agradeço pelas contribuições oferecidas a esta pesquisa e por seu carinho e sua atenção a mim dedicados.

Ao Prof. Dr. Gomercindo, que me acompanha desde a graduação (nas aulas de Filosofia do Curso de Ciências Domésticas), sou grata pelo exemplo de educador, trabalhando com ética, responsabilidade e dedicação. Fiquei muito feliz por reencontrá-lo nesta caminhada durante o Mestrado. Agradecida também sou pela acolhida, pelo carinho e pelas considerações dadas a esta investigação.

Agradeço às colegas-professoras Juraci Sandi Crespo e Vera Lúcia Domingues pela parceria, pela oportunidade de realizarmos projetos que envolvessem os educandos. Sou grata ainda pela disposição e pela colaboração em

trocar horários para possibilitar a realização das disciplinas do mestrado e a presença em eventos. À amiga Clarissa, companheira e conselheira, agradeço pela atenção, pelo carinho e pelo aconchego de sua amizade nos momentos difíceis pelos quais passei.

Ao Instituto Estadual de Educação Ponche Verde, através dos colegas-educadores e dos educandos, sou grata pela oportunidade em realizar diferentes projetos e pelo apoio dado ao longo destes quatorze anos que trabalho nesta instituição.

À Profª. Drª. Leoni Maria Padilha Henning, agradeço por sua participação nas bancas de qualificação do projeto de pesquisa e de defesa da dissertação e por suas contribuições.

Ao Prof. Dr. Cláudio Almir Dalbosco, por ter auxiliado em minha investigação. A ele, sou imensamente grata.

Aos professores e colegas do Curso de Mestrado em Educação da UFPel e ao Grupo de Pesquisa FEPráxiS, meu agradecimento.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, embora aqui não mencionados, contribuíram de uma forma ou outra com esta pesquisa. Realizá-la somente foi possível porque não caminhei sozinha no transcorrer deste período.

“Prevejo que dificilmente me perdoarão o partido que ousei tomar. Chocando de frente com tudo o que hoje constitui a admiração dos homens, só posso esperar condenação universal; e não é por ter sido honrado com a aprovação de alguns sábios que devo contar com a do público: assim, já tomei o meu partido; não me preocupo em agradar nem aos belos espíritos, nem às pessoas na moda. Sempre haverá homens feitos para serem subjugados pelas opiniões de seu século, de seu país, de sua sociedade: uns se mostram hoje como espíritos fortes e filosóficos que, pela mesma razão, não teriam sido senão fanáticos no tempo da Liga. Não devemos escrever para tais leitores, quando queremos viver para além do nosso século”.

Rousseau (Emílio, 2004, p. 17)

Resumo

O presente estudo baseado em uma metodologia bibliográfica busca discutir as contribuições de Jean-Jacques Rousseau ao processo educativo e formativo na hodiernidade. Para tanto, sustenta-se nas reflexões aduzidas no pensamento do autor. Em um primeiro momento, faz-se um destaque especial à história de vida do pensador genebrino. Isto feito, a partir de uma investigação em suas obras, expõe-se os fundamentos que subsidiam o conceito de formação humana. De posse de tais informações, discute-se os aspectos humanizadores da formação na trajetória constitutiva do homem, debatendo, ainda, questões relativas aos processos formativos na escola. Ao desenvolver esta investigação, estribada na teoria rousseauniana, observa-se as potencialidades oferecidas pela filosofia do referido pensador na atualidade. A afirmação torna-se válida porque a obra de Jean-Jacques Rousseau constitui-se como apresentação da teoria de um clássico que, como tal, é capaz de superar a temporalidade e possibilitar discussões em diferentes contextos. No tocante à formação humana, o pensamento rousseauniano oferece ao ato educativo uma reflexão sobre a necessidade de que o processo formativo compreenda a participação da família, dos valores humanos, as normas, a moralidade nas ações, na educação pelo exemplo, pois os mesmos, diante do apresentado na realidade educacional, potencializam (enquanto horizonte histórico) a concretização de uma formação humana plena. O foco, portanto da pesquisa é apresentar as contribuições da pedagogia de Rousseau com vistas à formação das crianças, formação esta que reverberá na formação do cidadão adulto.

Palavras-chave: Jean-Jacques Rousseau; formação humana; educação.

Abstract

The present study, based on a bibliographical methodology, aims to discuss the contributions of Jean-Jacques Rousseau to the educative and formative processes in present days. For this purpose, we defend reflections adduced in the author's thought. First, we make a special distinction to the Genebrian thinker's history of life. Secondly, as from his books' investigation, we expose the basis that subsidize human formation concept. With these information, humanizing aspects of formation in man's constitutive trajectory are discussed. The debate about questions related to formative processes in school are also brought. During this investigation development, based on rousseaunian theory, we observe the potentialities offered by Rousseau's educational philosophy in present days. The assertive becomes valid because his work represents a classic theory, which is able to overcome temporality and makes happen discussions in different contexts. Regarding to human formation, rousseaunian thought offers to the educative act a reflection about the necessity of comprehension that formation process involves family participation when it refers to human values, limits, morality in actions, in education through examples, since theses categories, – facing what is presented in educational reality – make potent (as historical horizon) an absolute fulfillment of human formation. The investigation's focus is to present the contributions of rousseaunian pedagogy to children formation, the one that will result in adults' formation.

Key-words: Jean-Jacques Rousseau; human formation; education

Sumário

PRIMEIRAS PALAVRAS..... 12

1 FORMAÇÃO HUMANA –UMA ETERNA EVIDÊNCIA EM DISCUSSÃO 16

1.1 Jean-Jacques Rousseau: história de vida..... 17

1.2 Formação humana em uma perspectiva rousseauniana..... 24

2 POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA NA HODIERNIDADE: DIÁLOGOS COM/A PARTIR DE ROUSSEAU... 36

2.1 Aspectos humanizadores da formação: a trajetória formativa do homem 36

2.2 Processos formativos e a escola: o ato educativo, a criança e o mestre no quadro da filosofia da educação rousseauniana..... 56

PALAVRAS FINAIS..... 83

REFERÊNCIAS..... 87

Primeiras palavras

"Se não morre aquele que escreve um livro
ou planta uma árvore,
com mais razão, não morre o educador,
que semeia vida e escreve na alma".

Jean Piaget

A presente dissertação, oriunda das minhas inquietudes enquanto educadora e pesquisadora, busca investigar as contribuições oferecidas por Jean-Jacques Rousseau[2] para o processo de formação[3] humana na hodiernidade. Nesse sentido, ancoro minhas reflexões na teoria rousseauniana a fim de pesquisar como a teoria apresentada pelo autor favorece a construção de um ser humano cada vez mais sujeito de sua história.

O embasamento central desta pesquisa é buscar na pedagogia de Rousseau a sua audácia, sua coragem e determinismo frente aos percalços e desafios que a educação engloba, na formação do ser humano no presente, com os reflexos do passado e em uma visão futurista.

Enquanto educadora a necessidade de interagir com o aluno, aproximar-me ao máximo dele para que sejamos juntos construtores e caminhemos lado a lado na trilha da formação humana. Além da formação do indivíduo, do seu saber, do seu sentir, do seu caráter devo saber semear o espírito de comunidade, de família principalmente para que, ao tocar seu íntimo, possa ajudá-lo a escrever sua própria história de vida, como cidadão pensante, crítico e íntegro.

A educação está inserida em um contexto social; sua qualidade e eficiência dependem da relação com esse contexto. Precisamos observar o movimento em que se encontra a sociedade, envolver a escola nesse movimento, contextualizá-la para que a busca por soluções esteja relacionada à necessidade real, devemos tentar promover uma aprendizagem que não mais contribua para a formação de um aluno que só sabe lições decoradas, que relaciona informações. A sociedade atual

[2] Conforme Gomes e Simões (2009, p. 256): "Rousseau é considerado um dos criadores da pedagogia moderna, da psicologia infantil, tendo proposto a mediação entre a educação do homem e a do cidadão"

[3]Para Conceição (2010, p. 112). "O ponto em que Rousseau fixa suas observações é a formação do homem de natureza, natural – o contrário do homem social e artificial. Para Rousseau, formar esse homem é não deixar que ele se arraste por paixões e pela vista (aparências), que siga corretamente, e tão somente, seu coração e a sua própria razão"

sugere que o educando seja alguém que constroi seu conhecimento, alguém flexível, que sabe lidar com suas necessidades de maneira responsável e inovadora.

A pesquisa anunciada – *Os contributos da teoria rousseauniana para o processo de formação humana na hodiernidade* – possui, portanto, o intuito principal de investigar o modo como a teoria rousseauniana pode contribuir para pensarmos o processo formativo de hoje, baseado nos limites, no exemplo, nas virtudes, na moralidade.

Observando a trajetória e as experiências vivenciadas pelo autor, venho buscar contribuições para pesquisar a formação humana na contemporaneidade. Acredito ser viável a empreitada pelo fato de Rousseau possuir um envolvimento com a educação formal e informal, pois, quando me refiro à formação humana, intenciono abranger o indivíduo como um ser em sua totalidade, porque não existe uma educação familiar separada da educação escolar e, sim uma continuidade, um complemento. Então, amparada na obra e nos relatos dos comentadores sobre aspectos da obra em que Rousseau aborda o tema relativo à formação humana referenciando a natureza, a educação dos sentidos, limites, do exemplo, da moralidade, busco realizar um processo de pesquisa de natureza hermenêutica[4]. Rousseau abordou questões relacionadas aos fatos econômicos, políticos e sociais de sua época, apontou em suas obras as impressões sobre o que viveu – não foram fatos imaginários e sim reais, – a partir do que observava os passantes, a flora, as edificações e as relações sociais.

Ao ler um filósofo, vejo a riqueza de sua contribuição para a formação humana, diferentes caminhos a cada pensamento, a cada frase ou simplesmente numa palavra, que pode ter significado profundo e de grande valia para esclarecer dúvidas, descobrir novos horizontes para a busca incansável para a melhor formação do ser, desde seu nascimento até o fim de sua vida. Na obra clássica, o autor nos relata a cultura de sua época, as tendências intelectuais, econômicas que, por mais distante que estejam, conseguimos visualizar nitidamente no nosso

[4] Nadja Hermann, na obra *Hermenêutica e Educação*, apresenta algumas instigantes reflexões sobre esta concepção metodológica. Segundo a autora, “ao produzir saber, ao dizer como as coisas são, o homem produz a racionalidade, evidenciando uma estreita relação entre os dois termos – saber e racionalidade” (HERMANN, 2002, p.13). Ainda de acordo com a pesquisadora, “é tarefa da hermenêutica desconstruir uma racionalidade que, colocada sob limites estreitos, quer mais a certeza que a verdade, e demonstrar a impossibilidade de reduzir a experiência da verdade a uma aplicação metódica, porque a verdade encontra-se imersa na dinâmica do tempo” (HERMANN, 2002, p.15).

cotidiano. Por isso, ao ler um clássico, sempre vamos encontrar ideias que nos fazem repensar nossas atitudes porque sempre conseguiremos encontrar uma novidade. Dalbosco (2011, p. 14) em sua obra *Filosofia e Educação no Emílio de Rousseau* em páginas de considerações introdutórias, faz uma relação da leitura de um clássico e as contribuições que *Emílio* traz para pensar a atualidade:

> Ao clássico liga-se uma potencialidade infinita de transportar cada um, no caso, o leitor e intérprete, para um mundo imaginário, o qual, apesar de ser imaginário ou exatamente por sê-lo, exerce uma força surpreendente sobre o leitor, tornando-o capaz de enfrentar, pela energia espiritual (intelectual) nele despertada, as situações existenciais, concretas e dramáticas em que vive. Desse aspecto, o texto tornou-se clássico, mesmo que tenha sido escrito há mais de dois mil anos [...] porque foi capaz de tratar de problemas sociais e culturais ou de aspectos do *nous* que se relacionam com o núcleo da condição humana. Sua universalidade reside, também, em seu caráter inesgotável, ou seja, no seu poder de mostrar ao leitor um novo conteúdo a cada leitura feita e, com isso, de conter, em seu interior, possíveis soluções para novos problemas. É nesse sentido que a releitura de um clássico sempre carrega os ares de uma novidade. Enfim, o texto "eterniza-se" porque é capaz de provocar cada leitor aquela sensação de identificação autêntica com a temática abordada. É justamente dessa forma que seu conteúdo perdura através do tempo. Ao lermos e relermos o Émile de Rousseau, por exemplo, somos surpreendidos a cada leitura pela novidade e atualidade de seu conteúdo. Temos a sensação de que Rousseau, embora autor do século XVIII, escreveu essa ou aquela frase, esse ou aquele parágrafo para nós, homens e mulheres do século XXI.

A característica de clássico é angariada por Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) na medida em que suas ideias foram escritas, imaginadas, vivenciadas em um século bem distante do atual, com enfoques e contextos diferentes, mas que, referindo-se à formação humana tem preocupações que vem ao encontro da formação do sujeito atual. A pesquisa visa mostrar que, mesmo relacionando épocas distantes, há uma preocupação referente à formação do ser humano,como um ser integral[5], não fragmentado pela sociedade capitalista. Ao ler um texto clássico, tendo em vista o objetivo da filosofia que busca reflexão, sentidos e significados, temos que analisar a época dos acontecimentos sociais e econômicos, diferentes do nosso

[5] A educação integral e cidadã não visa somente à transmissão de conteúdos, ao acúmulo informacional. Ela visa à formação e ao desenvolvimento humano global. Objetiva a preparação de homens e mulheres tecnicamente competentes, capazes de desempenhar plenamente sua profissão, de viver com autonomia, em busca permanente de sua realização pessoal e profissional, mas, sobretudo, almeja a formação de seres humanos que promovem o bem-viver, a justiça social e a vida sustentável para todos. Seres humanos comprometidos com a felicidade pessoal e coletiva, com respeito aos direitos humanos e a todas as formas de vida. Pessoas que, no seu processo de humanização, tenham acesso a um repertório sociocultural que as prepare mais plenamente para o diálogo com o outro, para ensinar a aprender com o outro, para conviver com a diferença de forma democrática, enriquecedora, solidária e emancipatória (ANTUNES, PADILHA, 2010, p.23-24).

tempo; ou seja, aos leitores que somos nós, cabe analisar o contexto despojado de pré-conceitos e levar em consideração o fator histórico, “abrir novas possibilidades de reflexão é basicamente o desafio de uma abordagem hermenêutica” (2002, p.29).

Rousseau descreve momentos que nos remetem aos dias atuais, que nos fazem buscar alternativas de refazer ou desfazer os males nos quais estamos envolvidos, ou seja, em relação a ouvir mais nossos filhos, participar mais da atividade realizada pelas crianças, analisar suas necessidades em relação aos fatos ligados à natureza, pois, como vamos falar em conscientizar as crianças sobre como preservar a natureza, se elas não convivem com a mesma na sua infância?

Enquanto criança, jovem, adulto ou velho, somos mutantes e, por isso, sempre precisamos rever nossos valores, conceitos, sentimentos ou modo de agir para que possamos acompanhar a evolução e a globalização dos últimos séculos. O que ontem era o certo, hoje pode já ter modificado e, então, temos que aprender a acompanhar essas mudanças sem perder, contudo, o bom senso e a razão.

Tendo em vista o exposto acima, no primeiro capítulo da dissertação, da dissertação, intitulado *Jean-Jacques Rousseau e a formação humana* apresento como subcapítulo *Jean-Jacques Rousseau: história de vida*, onde começo descrevendo sua trajetória de vida, pois tenho em vista que, em suas obras, Rousseau retrata seus anseios e suas experiências. Busquei mostrar os acontecimentos que o autor descreve sobre sua caminhada para justificar minha pesquisa, pelo fato de Rousseau abordar temas ligados à educação formal e informal, relacionando fatos sociais, políticos e econômicos de sua época, que embora distantes no tempo, podemos identificar como atuais em alguns aspectos. Conforme cito na pesquisa, o autor nos fornece pistas interessantes sobre a importância da relação familiar, a presença de regras na infância, das virtudes e da moralidade, e aspectos gerais que vêm contribuir para a formação humana. Neste mesmo capítulo, a *formação humana em uma perspectiva rousseauniana*, descrevo as contribuições do autor para pensarmos a hodiernidade; trago a educação grega por ser a paideia uma referência notável para quem reflete sobre formação humana.

A seguir, os próximos passos: mostrar que a educação está relacionada à busca de sentidos e evidenciar que as crianças devem compreender o porquê de determinadas ações educativas, pois nada ocorre de modo isolado, mas, sim, dentro de um contexto, de uma realidade que deve ser analisada através da visão, da audição, do olfato, do tato e do paladar. Nunca é demais lembrar que Rousseau

destaca a educação dos sentidos, que nos faz ter consciência de que somente compreenderemos o que é formação conhecendo tudo que nos cerca e sempre pensando na virtude.

No segundo capítulo apresento *as possíveis contribuições para o processo de formação humana na hodiernidade: diálogos com ou a partir de Rousseau*, tendo como tema analisados no primeiro subcapítulo os *aspectos humanizadores da formação: a criança em questão*.

No último subcapítulo, *processos formativos e a escola: o ato educativo, a criança e o mestre no quadro da filosofia da educação rousseauniana*, a análise volta-se para as contribuições do passado em relação à formação humana porque somos resultado de um processo histórico e nos alimentamos de elementos que são construídos ao longo da história.

Falamos tantas vezes em crise da educação e procuramos elencar, através das leituras que fazemos sobre os clássicos que se preocuparam com os processos educativos, formas de repensar a atualidade educacional. A disciplina escolar, a formação moral ética dos nossos alunos são alguns dos temas que nos preocupam e que aqui busquei refletir. E neste processo de reflexão que procurei desenvolver, – apoiada que fui pelo pensamento pedagógico de Rousseau – revalidei, mais uma vez, a ideia de que a educação é um processo que deve envolver, sempre, o aluno, o mestre, a instituição escolar e gestores.

A instituição *escola*, com o formato que conhecemos hoje, ainda não era totalmente desenhada na época de Rousseau. Porém, sua teoria nos incita a que estejamos sempre analisando o contexto social em que a mesma está inserida, a fim de que tenha condições de oportunizar aos educandos as possibilidades adequadas para seu desenvolvimento como cidadão.

Espero que a presente investigação tenha contribuído para enriquecer e aprimorar o debate que, acredito, é frutífero e produtivo para pensarmos as questões educacionais que preocupam a nós, educadores.

1 Formação Humana – uma evidência em discussão

O ideário rousseauniano continha aspectos de um mundo com princípios participativos e com mais liberdade[6]. O filósofo afirma que, em todos os momentos de sua vida, teve repugnância pela palavra *neutralidade*. Assim, o mesmo evidencia a necessidade de sempre tomarmos decisões, posições, uma vez que, para "ser alguma coisa, para ser si mesmo e sempre uno, é preciso agir como se fala; é preciso estar sempre decidido a respeito do partido a tomar, tomá-lo abertamente e continuar sempre com ele" (ROUSSEAU, 2004, p. 12). Antes de adentrar sua teoria, acredito ser importante apresentar ao leitor uma breve biografia do filósofo que sustenta esta investigação.

1.1 Jean-Jacques Rousseau: história de vida

> *"O hábito de entrar em mim mesmo por fim me fez perder a sensação e quase a lembrança de meus males; aprendi, assim, por minha própria experiência, que a fonte da verdadeira felicidade está em nós e que não depende dos homens tornar miserável aquele que deve querer ser feliz".*
>
> (Jean-Jacques Rousseau, 2008, p. 17)

Jean-Jacques Rousseau, filho de Susanne Bernard e Isaac Rousseau nasceu em Genebra, na Suíça no dia 28 de Junho de 1712. Poucos dias após dar a luz, sua mãe veio a falecer, com 39 anos, por complicações oriundas do parto. Rousseau declara em sua obra *Emílio* (2004, XXV): "custei à vida de minha mãe" e, seu pai, revoltado pela situação financeira na qual a situação da morte de Susanne os colocou, em muitas ocasiões, espancava o filho responsabilizando o menino pelo declínio financeiro, pelo qual estavam passando, por estar usando o dinheiro para o sustento do filho, pois Susanne era de origem familiar nobre na cidade, ao passo que Isaac era membro da classe de artesões e relojoeiro desprovido de posses.

[6] Segundo o Dicionário Rousseau, organizado por Dent (1996, p.156): "A noção de liberdade é central para o pensamento social e político de Rousseau. Ao gozo da liberdade ele confere, provavelmente, mais importância do que a qualquer outro aspecto da vida humana. [...] Ele emprega a noção...".

> O pai parecia culpar seu filho pelo declínio financeiro. E, para expressar sua vingança, encontrava sempre uma maneira de espancá-lo e gastar todo o dinheiro que a mãe lhe havia deixado como herança. Apesar disso tudo, a infância do pequeno Rousseau foi, de um modo geral, feliz e contribuiu para estabelecer sua vida adulta (SIMPSON, 2009, p. 15).

Quando atingiu a idade de cinco anos, Rousseau foi morar em um bairro pobre, pois em 1717 seu pai precisou vender a casa da cidade alta pela situação financeira em que se encontravam do período de 1717 até 1719. Rousseau aprendeu a ler e sua alfabetização aconteceu por esforço próprio, herda da família de sua mãe uma pequena biblioteca e os seus primeiros contatos com a leitura foram: “Os romances acabaram junto com o verão de 1719 [...] Plutarco sobretudo tornou-se a minha leitura favorita” (ROUSSEAU, 2004, XXV). sendo nesta época que desperta sua curiosidade pelos livros que falavam de donzelas, herois e de emoção humana.

> Quando já tinha completado sete anos de idade, entretanto, avançou para um tipo diverso de leitura, com um efeito diferente em seu ponto de vista. Ele havia herdado da família da mãe uma pequena biblioteca de clássicos em grego, latim e francês. Então, nos três anos seguintes, ficou totalmente mergulhado nesses trabalhos que incluíam obras de Ovid, Bossuet, Fontenelle, Molière, e outros. Dentre todos os escritos antigos, um em especial teve maior influencia nele. “Plutarco, dentre todos eles”, escreveu, “era meu favorito especial, e o prazer que obtive lendo e relendo suas obras contribuiu de alguma maneira para curar minha paixão por romances” (C20). A imagem da virtude cívica que encontrou na *Vida de Plutarco* moldou para sempre sua visão da existência humana (SIMPSON, 2009, p. 15).

Com seu pai saindo de Genebra em 1722, devido a um desentendimento com o capitão da França, então pensando que estaria correndo risco de vida, resolveu fugir. Rousseau não quis acompanhar seu pai no exílio, foi deixado aos cuidados do seu tio Bernard, Rousseau e seu primo Abraham foram enviados a um pensionato na casa do ministro Lambercier, em Bossey, onde aprenderam o latim e, como o próprio autor nos fala, “todo aquele amontoado de coisas que se juntam a ele sob o nome de educação” (ROUSSEAU, 2004, XXV). Neste momento, o que realmente fez sentido para a vida de Rousseau é o relacionamento com o primo Abraham, uma relação de bons amigos, de respeito, de sinceridade e de afeto mútuo, que o autor prezava e defendia que deveria existir na relação entre os seres humanos. Sua experiência de vivência no campo, data também desse período.

> “Talvez o efeito mais importante da vida no campo, [...] os arredores alpinos da região despertaram nele o amor pela natureza, que se transformou numa parte famosa e influente do seu caráter [...] A vida dele no campo, contudo, não durou muito. Seu tio deixou claro que ele era de uma classe social inferior ao seu primo, portanto quando o mesmo foi enviado para os melhores colégios, Rousseau foi deixado para seguir seu próprio caminho. Seu tio não o sustentava mais financeiramente, e seu próprio pai estava feliz em deixar que se “virasse” sozinho” (SIMPSON, 2009, p. 17).

Voltando para Genebra, onde trabalhou como aprendiz junto a um gravador, homem com atitudes muito grosseiras e, por esses problemas de violência, fugiu de Genebra recebendo abrigo do pároco de Configno e, nesse período, converteu-se ao catolicismo, tornando-se criado da Sra. de Vercellis, fazendo visitas aos padres e cantando no coro da catedral de Annecy. Foi professor de música em Lausanne e Neuchâtel, reencontrando em Chambéry a Sra. de Warens que lhe conseguiu um emprego no cadastro, esboço de *Narcisse*, comédia. Dalbosco (2011, p.25) em sua obra Filosofia e Educação no Emílio de Rousseau, descreve a Sra. de Warens:

> [...] esteve sob a proteção de uma senhora da alta nobreza, denominada Madame de Warens, a qual ele chamava carinhosamente de *Maman* (mamãe). Provindo de família de médio escalão da sociedade suíça, Rousseau passou parte de sua juventude por inúmeras dificuldades, tanto financeiras como afetivas.

De 1732 a 1737, voltou a ser professor de música. Homem de confiança da Sra. de Warens, viajou para Vesançon, Lyon, Grenoble, Genebra e Montpellier. Em Lyon, tornou-se preceptor dos filhos do Sr. de Mably (sobrinhos de Condillac) escrevendo, neste período, *Projeto para a educação do Sr. De Saint-Marie,* no qual deixa claro suas intenções em relação ao projeto de educação, “o objetivo que devemos nos propor na educação de um jovem é o de formar-lhe o coração, o juízo e o espírito” (Rousseau, 1994, p. 45).

Rousseau volta a Charmettes em 1741-1742 e, depois vai para Paris onde apresentou à Academia um *Projeto a respeito de novos sinais para a música* “Foi também um período de intensa autoeducação, durante o qual, com a ajuda da Madame de Warens, ele amadureceu sua inclinação como compositor musical e começou a cultivar seus talentos filosóficos e literários” (SIMPSON, 2009, p. 21). Nos anos de 1743-1744, publica a dissertação sobre a música moderna e inicia sua amizade com Diderot, tornando-se secretário dos Dupin e, após, secretário de embaixada em Veneza.

Em 1745, passa a viver com Thérèse Levasseur em Paris, onde termina a ópera *Muses Galantes* e retoca as *Fêtes de Ramire*, ópera de Voltaire e Rameau. No período de 1746-1747, Thérèse Levasseur dá à luz ao primeiro filho, o qual é deixado pela parteira no Enfants-Trouvés. Os outros quatro filhos de Rousseau e Thérèse também foram entregues a orfanatos. Em sua obre Emílio, no livro I, Rousseau declara quais os deveres de um pai.

> Um pai, quando gera e sustenta filhos, só realiza com isso um terço de sua tarefa. Ele deve homens à sua espécie, deve à sociedade homens sociáveis, deve cidadãos ao Estado. Todo homem que pode pagar essa dívida tríplice e não paga é culpado, e talvez ainda mais culpado quando só a paga pela metade. Quem não pode cumprir os deveres de pai não tem direito de tornar-se pai. Não a pobreza, trabalhos nem respeito humano que o dispensem de sustentar seus filhos e de educa-los ele próprio. Leitores, podeis acreditar no que digo. Para quem quer que tenha entranhas e desdenhe tão santos deveres, prevejo que por muito tempo derramará por sua culpa lágrimas amargas, e jamais se consolará disso (ROUSSEAU, 2004, p.27).

Rousseau reafirma sua postura e preocupação com os filhos até os seus últimos dias, conforme a sua nona caminhada (2010, p. 118):

> Entendo que a censura por ter colocado meus filhos no Enfants-Trouvés logo tenha degenerado, com um pouco de construção, na de ser um pai desnaturado e de odiar as crianças. No entanto, é certo que foi o receio de um destino mil vezes pior para eles e quase inevitável por qualquer outra via o que mais me determinou nessa atitude.

No ano seguinte, conheceu a Sra. d'Epinay e frequentou os jantares do grupo da *Enciclopédia*, redigindo os artigos sobre música. Em 1749, em visita a Diderot no Castelo de Vincennes, onde este estava preso, Rousseau soube do tema proposto pela Academia de Dijon, "Se o estabelecimento das ciências e das artes contribuiu para corromper ou para depurar os costumes". Em 23 de Agosto de 1750, o *Discurso sobre as ciências e as artes* é premiado e, no fim do ano ou nos primeiros dias de 1751, publicado.

No *Discurso* com que conquistou o prêmio, o autor mostra sua posição frente ao tema apresentado, ciente de que suas ideias não seriam aprovadas. Reconheceu sua ousadia por estar indo na contramão de tudo que naquela época despertava a admiração do homem, como a moda, os ornamentos, o luxo, os políticos que falavam sem parar sobre comércio e dinheiro, na busca de enriquecer esquecendo-se do exemplo, pois se tem tudo com o dinheiro, menos a formação dos cidadãos.

Rousseau (2009, p. 37) declara: “Que os nossos políticos se dignem suspender seus cálculos para refletir sobre seus exemplos, e que aprendam, por uma vez, que se tem tudo com o dinheiro, exceto costumes e cidadãos”

Em sua obra, Rousseau destaca ainda a importância de o homem conhecer sua natureza, conhecer a si mesmo, afirma que os costumes podem ser rústicos, porém naturais e que um número pequeno de povos preservou seus costumes, sem deixar-se contaminar pelos vãos conhecimentos. Fizeram das virtudes a própria felicidade e o exemplo das outras nações, pois sempre aludiram às virtudes e não valorizaram o maltrato as ciências. Sua preocupação consistiu sempre em resgatar a virtude do homem, mostrar sua bondade porque amando a nós mesmos iríamos nos conservar. Streck auxilia na compreensão da questão.

> O sentimento original no ser humano é o *amor de si*. É importante não confundir esse sentimento com egoísmo. Trata-se do compromisso de cada ser humano de cuidar de sua conservação, um interesse sempre bom e legitimo. Amando a nós mesmos em função da preservação de nossa vida, vamos ampliar esse círculo para amar aquilo que, por sua vez, ajuda a nos conservar (2008, p. 42).

Almejando sua independência, em 1751-1752, deixou de ser tesoureiro de Dupin e passou a desempenhar a função de copista de música, quando aconteceu a apresentação de *Le devin du village*, uma de suas óperas, juntamente com as *Musas Galantes*.

Entre 1753 e 1755, redigiu o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* e *Cartas sobre a música francesa*. Rousseau converteu-se ao protestantismo e volta a ser cidadão de Genebra. No *Discurso sobre a desigualdade* e na Enciclopédia, do artigo *Economia Política*, Rousseau (2004, p. XXVII) aborda a “*educação pública sob regras prescritas pelo governo*” (grifo do autor).

Em 1756, um amigo bastante rico ofereceu sua propriedade no Ermitage, em uma propriedade rural, uma enorme casa em Montmonrecy, neste período apaixonou-se pelo lugar e pela sra. D’Houdetot onde inspirou-se para escrever *Júlia ou a Nova Heloisa,* romance epistolar.

> A mudança de Rousseau para o campo foi diretamente responsável por outro grande trabalho, o romance epistolar *Júlia, ou a Nova Heloisa*. A beleza do seu retiro rural estimulou a memória e a imaginação de Rousseau numa extraordinária nova direção. Ele começou a escrever a história na

> qual coletou todos os eventos mais fortes, pessoas, lugares, emoções, ideias e ideais de sua vida e os combinou em uma única narrativa. É uma história de amor, dedicação, perdas, família, educação, ciência e arte, todos colocados nos arredores rurais do seu adorado lago Genebra (SIMPSON, 2009, p. 38).

Começa a esboçar *o Emílio* e, em 1760, publica a *Nova Heloisa*, e redige duas outras versões do *Emílio* e trabalha no *Contrato Social*. Tomo ainda a contribuição de Oliveira (2000) ao comentar que:

> O contrato Social desvenda o que as leis têm a possibilidade de ser e devem ser para responder às necessidades individuais e coletivas dos homens, partindo, pois, do conhecimento profundo e genérico dos homens para estabelecer as normas da organização conscientes da sociedade (p.45).

Pereira (2001, p.130) contribui fazendo apontamentos sobre as obras *Emilio* e o *Contrato Social* em relação a educação:

> Tanto no Emílio, como em O Contrato Social, podemos perceber que a educação não ocorre isoladamente; ela sempre tem um indicativo. É política porque faz uma leitura geral do método tradicional, fechado, que, ao invés de propor o desenvolvimento da vida humana, funcionava como um obstáculo, pelas suas práticas essencialistas que não valorizavam a espontaneidade do aluno. Desse modo, O contrato Social propõe uma sociedade onde o vício não é uma constante. Mesmo percebendo na história a existência do vício, o autor indica um viés que não levará a ele: o viés da vontade Geral.

Entre 1761 e 1762, Rousseau tenta, em vão, reencontrar seu filho mais velho. Publica, então, *Do Contrato Social* e *Emílio. Do Contrato Social* foi impresso na Holanda e condenado na França. Dozol (2006, p. 66) faz referência às três obras de Rousseau afirmando: “Política, ética e educação. Contrato social, Nova Heloísa, Emílio e quase tudo o mais que Rousseau pensou e escreveu: inseparáveis”.

Posteriormente, publica em 1764, *Cartas escritas da montanha*, sendo este escrito uma defesa do *Emílio* por este ter sido impresso em Paris e denunciado na Sorbonne, onde o Parlamento condena o livro a ser queimado e decreta a prisão de seu autor. Em sua obra *Cartas Escritas da Montanha*, Rousseau faz menção aos seus escritos anteriores, às teses religiosas, educacionais e políticas do seu tempo, refletindo, assim, sobre as condições de sua cidade. A condenação ocorre devido ao fato de o autor defender as condições sociais da burguesia em seus escritos, sendo o mesmo de origem burguês e assim querendo combater o excesso de poder da aristocracia, sempre mostrando que o povo tem direitos e que não deveria tornar-se

escravo e, sim, buscar os ideais, através da luta pelo que acreditavam, seja através da política, da educação ou questionando as condições sociais. Almeida (2008, p. 15) faz uma relação de sua condenação com as condições sociais do autor, declarando:

> Rousseau herdara a condição de burguesia de seu pai, e, desde que adquirira fama, tornara-se um nome para a luta contra a concentração de poder pela aristocracia. Sua condenação foi mais um golpe do patriciado contra a burguesia. Condenar Rousseau e suas obras era mais um sinal do poder do patriciado sobre os interesses dos burgueses. Ao final das *Cartas Escritas da Montanha*, Rousseau incita seus conterrâneos burgueses a lutarem pelos seus direitos a fim de que não se tornassem escravos nem do patriciado, nem da França.

A obra *Cartas da montanha* também é condenada e, assim, depois de ser apedrejado em sua própria casa, em 1768, acredita em um "complô universal" e começa a escrever as *Confissões,* terminando esta obra em 1771, quando as leituras públicas da obra são proibidas pela polícia. No período compreendido entre 1772 e1775, Rousseau sobrevive copiando música e redige *Rousseau juiz de Jean-Jacques, Diálogos.*

Por último, em 1776-1778, termina os *Diálogos* e passa a redigir os *Devaneios de um caminhante solitário,* obra que não conseguiu terminar. A escrita que se refere ao *Nono Passeio*, aborda novamente o abandono dos filhos e dos problemas da educação. Nessa obra, Rousseau faz alusão a um sujeito oculto[7], o qual o autor acredita persegui-lo. Considera-se um solitário nesse momento de sua vida e, na *Décima caminhada*, faz referência à benevolência da senhora de Warens que chamava de mãe. A casa de campo em que morava Rousseau, hoje abriga um museu com objetos que a ele pertenceram.

No dia 2 de Julho de 1778, Rousseau sente um mal-estar e morre às onze horas da manhã, seu corpo é sepultado na Îledes Peupliers, no coração do parque

[7] Ao mencionarmos a expressão, referimo-nos a sentimentos de Rousseau em relação ao que costumamos denominar "mania de perseguição", principalmente na direção da pessoa de David Hume, seu amigo. Porém, a situação que se traduz em sintomas que aparecem na fase final de sua vida, não diminui a crença de Rousseau na humanidade e na formação propiciada pelos relacionamentos humanos: "Eu sou um homem e sou o convidado dos homens amigos." (Nona caminhada). De qualquer forma, esta reflexão traz à tona a reflexão sobre o outro homem e o quanto a singularidade e a alteridade são faces de um mesmo processo de formação. É, certamente motivado por esta reflexão que o Colóquio Internacional Rousseau 300 anos, a ser realizado proximamente em São Paulo, propõe como tema "Eu sou outro", frase de Rousseau nos Preâmbulos da obra *Confissões*.

de Ermenonville. Em 1794, acontece a transferência de suas cinzas para o Panthéon.

Rousseau em suas obras descreve que esperava uma geração mais consciente de seus julgamentos e que o visse com outros olhos, ou seja, como ele realmente era como ser humano, por isso escreveu os Diálogos na esperança que no futuro as novas gerações o conseguissem entende-lo já que escreveu para além do seu tempo.

> No entanto, ainda contava com o futuro e esperava que uma geração melhor, observando bem os julgamentos feitos por ela sobre mim e sua conduta para comigo, desenredasse com facilidade o estratagema daqueles que a dirigem e por fim me visse tal como sou. Foi essa esperança que me fez escrever meus Diálogos e que me sugeriu mil loucas tentativas de fazê-los passar à posterioridade. Essa esperança, apesar de distante, mantinha minha alma na mesma agitação de quando ainda procurava um coração justo no mundo, e por mais que jogasse minhas expectativas para longe, elas também me faziam o joguete dos homens de hoje. Disse em meus Diálogos sobre o que se baseava essa espera. Eu me enganei. Por sorte percebi isso a tempo de ainda encontrar, antes de morrer, um intervalo de plena quietude e repouso absoluto (ROUSSEAU, 2010, p. 10-11).

Como nos diz Rousseau, não devemos educar homens para os outros e sim para nós mesmos, valorizando a capacidade de cada um, pois a formação humana, a qual venho pesquisar na obra rousseauniana, está ligada ao fato de o autor preocupar-se com a conduta do ser humano, desde o seu nascimento até a vida adulta.

Em seus primórdios o homem vivia com mais simplicidade, com poucos recursos e hábitos bem primitivos, mas em consonância e harmonia com a natureza. Da flora e da fauna só era retirado o que o homem necessitava para sua subsistência. Ao longo de décadas, o indivíduo foi socializando-se cada vez mais e outras premissas passaram a fazer parte de sua existência e, portanto o “nós” prevaleceu sobre o “eu”. Valores gerados com o ser foram deixados de lado em nome de algo que se chama progresso, socialização ou, atualmente, globalização. Surge a destruição e, por isso, diz-se que a sociedade corrompe o homem e a mesma esmaga a natureza buscando progresso e tecnologia. Não pensamos nestes como algo ruim, pelo contrário, almeja-se um consenso entre o anseio da sociedade e o eu interior do homem, a consciência da voz da voz da natureza como alavanca para opor-se a sociedade corrupta. Segundo Rousseau, o homem da natureza está no seu próprio eu.

O homem, ao deixar de lado seus valores e sentimentos interiores perde sua autenticidade, deixa de ser ele mesmo para tornar-se mais em como tantos outros que vivem na sociedade.

A formação nata que cada um possui é única e intransferível e o que nos assemelha é o que recebemos depois com a vivência e experiências de vida. Para não perdermos nossa autenticidade, precisamos ter sempre o domínio de si mesmo, a convicção de que somos autênticos e com isso seremos capazes de contribuir na formação do homem.

É inegável a importância que é dada por Rousseau ao núcleo familiar como formador da identidade do ser humano. É nela que encontramos o embasamento para que o indivíduo estabeleça um relacionamento com o espaço público e democrático ao longo de sua existência.

O núcleo familiar, como primeiro gerador de valores e sentimentos do indivíduo, é que pode, sem dúvida, propiciar um clima favorável ao fortalecimento e engrandecimento da esfera pública, disseminando sentimentos como amor, amizade, respeito, união.

Frente ao espaço público de que faz parte, o indivíduo deve posicionar-se como um ser crítico, exercendo seu papel político na sociedade para atuar como um cidadão público, político, e defensor da própria cidadania, para uma sociedade mais justa e humana.

1.2 Formação humana em uma perspectiva rousseauniana

"Lembrai-vos de que,
antes de ousar empreender a formação de um homem,
é preciso ter-se feito homem;
é preciso ter em si o exemplo que se deve propor.
Enquanto a criança ainda não tem conhecimento,
temos o tempo de preparar tudo o que a rodeia
para só impressionar seus primeiros olhares
com objetos que lhe convém ver.
Tornai-vos respeitável diante de todos,
começai por vos fazer amar,
para que cada qual procure agradar-vos.
Não sereis senhor da criança
se não o fordes de tudo o que a cerca,
e essa autoridade nunca será suficiente
se não estiver baseada na estima pela virtude".
Rousseau (2004, p.99).

A pedagogia rousseauniana dialoga com a Paideia, através de autores como Sócrates, Platão e Aristóteles, quando traz em sua essência a formação humana que nos remete ao desenvolvimento, nos primeiros momentos de vida, da afetividade, das virtudes, dos valores, da moral, na busca de conhecer a si mesmo e na valorização do exemplo. Não cercar a crianças de falsas promessas e de mentiras constitui uma máxima primordial da pedagogia rousseauniana.

> Os primeiros momentos são os mais importantes na vida, diz 'Sócrates'. Por isso não se permitirá que as crianças escutem os relatos que contêm mentiras, opiniões e valores contrários aos que se espera deles no futuro. Porque se pensa a vida como uma seqüência em desenvolvimento, como um devir progressivo, como um fruto que será resultado das sementes plantadas, tudo o que venha depois dependerá desses primeiros passos (KOHAN, 2003, p. 39).

Os gregos, há cerca de dois mil e quinhentos anos atrás, pensavam em uma formação conforme as características de cada indivíduo. Segundo eles, alguns têm o dom para a oratória, outros para os trabalhos manuais. Então, as crianças do sexo masculino, até os 13 anos, estavam sujeitas à educação elementar. Neste estágio, as crianças mais pobres buscavam um ofício, enquanto as mais ricas continuavam os estudos. Dos 16 aos 18 anos, começava a educação militar, tendo esta uma dimensão cívica e política, baseada na verdade e na justiça e com o objetivo de uma formação cidadã. À filosofia compete encontrar a multiplicidade das opiniões, voltadas aos interesses dos cidadãos, às suas ideias, aos seus valores, às suas crenças, chegando então às questões morais e políticas.

A formação da Paideia buscava integrar um homem que fosse comprometido com os bens públicos, em detrimento do particular, pois este homem seria um cidadão virtuoso, o modelo ideal do homem grego. Sempre estava em destaque a vida moral e ética do homem na busca da justiça, de uma postura, de uma educação dialética que visasse à legitimidade do estado, fazendo um indivíduo social e político sem levar em conta a relevância de querer pessoal.

A formação do ser humano, na teoria de Rousseau, está muito fortemente relacionada à busca de sentidos, à compreensão e à apreensão do mundo em que vivem a criança e o jovem. Isso significa que, através dos sentimentos, ideias e valores que são singulares e compartilhados pelas crianças no cotidiano, acontecem os processos formativos e, por conseguinte, conduzem também a relacionar a cultura mais próxima com as mais distantes para que possamos conciliar ou adaptar

o tradicional para o moderno sem deixar perderem-se valores, mas também não impedir progresso e o avanço do processo educativo. Com efeito, para que a educação, na atualidade, possa ser capaz de caminhar na direção deste ideal de formação, há que recorrer aos clássicos, como o caso de Rousseau, pois os mesmos ultrapassam a temporalidade e são, por conseguinte, capazes de iluminar reflexões em diferentes tempos e contextos.

Rousseau (2004, p. 13) em sua obra *Emílio*, no Livro I refere-se a Platão afirmando que: “Se quiserdes ter uma ideia da educação pública, lede a *Republica* de Platão. Não é uma obra de política, como pensam os que só julgam os livros pelo titulo: é o mais belo tratado de educação jamais escrito”.

O nosso desejo e anseios estão se distanciando da realidade que estamos construindo. É obvio que todos queremos um mundo de compreensão, paz, sabedoria, saúde, harmonia entre seres e natureza; portanto queremos uma educação que nos leve a isso e é inegável que somente com uma boa formação humana transformaremos estes horizontes.

> A instituição pública já não existe, e já não pode existir já que onde não há mais pátria já não pode haver cidadãos. Estas duas palavras, pátria e cidadão, devem ser canceladas das línguas modernas. Sei muito bem a razão disso, mas não quero dizê-la; ela nada traz ao meu assunto. Não posso encarar como instituição pública estes ridículos estabelecimentos chamados colégios. Tampouco considero a educação da sociedade, pois, tendendo esta educação a dois fins contrários, não atinge nenhum dos dois; só serve para criar homens de duas faces, que sempre parecem atribuir tudo aos outros, e nunca atribuem nada senão a si mesmo. Ora, sendo comuns a todos, estas demonstrações não enganam ninguém. São preocupações vãs (ROUSSEAU, 2004, p.13).

A isto tudo que referenciamos como segmentos inseridos dentro do contexto universal que inicia em nossa casa e na nossa Pátria. Os valores que aprendemos como verdadeiros de reverência aos símbolos nacionais, de confiança nos governantes estão desaparecendo pela falta de educação neste sentido e pela corrupção dos homens que assumem o poder. A escola precisa rever seus currículos e valores para reverter este quadro lamentável.

O amor e o respeito pelas instituições é o que norteia a formação humana, sendo o eixo para todas as direções que possamos optar. A primeira instituição é a família, seio de nosso caráter e sentimentos puros e esta pode estar se desfalecendo, sendo renegada a segundo plano. Depois desta, temos a sociedade

que envolve escola, clubes, indivíduos de classes, credos diversos e que merecem o nosso respeito.

> Eis-nos no mundo moral, eis a porta aberta para o vício. Com as convenções e os deveres nascem os enganos e a mentira. A partir do momento em que podemos fazer o que não devemos, queremos esconder o que não deveríamos ter feito. A partir do momento em que um interesse faz prometer, um interesse maior pode fazer violar a promessa; não se trata apenas de violá-la impunemente, o recurso é natural: escondemo-nos e mentimos. Não podendo prevenir o vício, eis-nos já prestes a punir. São essas as misérias da vida humana, que começam com seus erros. Eu disse o bastante para fazer compreender que nunca se deve infligir às crianças o castigo como castigo, mas que ele sempre deve acontecer-lhes como uma consequência natural de sua má ação. Assim, não declamareis contra a mentira, não as punireis exatamente por haverem mentido, mas fareis com que todos os maus efeitos da mentira, como o de não se acreditar nelas quando dizem a verdade, o de serem acusadas pelo mal que não fizeram, mesmo se defendendo, juntem-se sobre suas cabeças quando tiverem mentido. Mas expliquemos o que é mentir para as crianças (ROUSSEAU, 2004, p. 109).

O pensamento rousseauniano pode ser a linha mestra a orientar nossas reflexões e práticas educativas, tendo em vista a situação em que nos encontramos em relação ao processo formativo, que deveria olhar o ser humano em todas as suas dimensões, seja na família, na igreja, nos centros esportivos e na escola, pois em todos os momentos estamos compartilhando experiências que fazem parte do processo formativo. Não cabe somente à escola trabalhar com o processo educativo que nos leva à formação integral do ser humano.

> Mas o que vem a ser a formação? É processo do devir humano como devir humanizador, mediante o qual o indivíduo natural devém um ser cultural, uma pessoa. Para nos darmos conta do sentido desta categoria, é bom lembrar que ela envolve um complexo conjunto de dimensões que o verbo formar tenta expressar: constituir, compor, ordenar, fundar, criar, instruir-se, colocar-se ao lado de, desenvolver-se, dar-se um ser. É interessante observar que seu sentido mais rico é aquele do verbo reflexivo, como que indicando que é uma ação cujo agente só pode ser o próprio sujeito. Nesta linha, afasta-se de alguns de seus cognatos, por incompletude, como informar, reformar e repudia outros por total incompatibilidade, como conformar, deformar. Converge apenas com transformar (SEVERINO, 2006b, p. 2).

A formação está vinculada à busca constante do indivíduo[8] em relação a avaliar a sua existência frente aos outros, aos objetos e a tudo que o rodeia, pois o processo de construção do ser humano está relacionado às relações que trava

[8] O termo indivíduo está relacionada as condições que o mesmo tem de por si buscar recursos intelectuais, culturais para melhorar os horizontes de sua vida em sociedade.

consigo mesmo, com o outro e com a natureza[9]. Por isso, é que devemos ser críticos na busca de novas possibilidades, buscando analisá-las de maneira consciente, através da razão subjetiva e da racionalidade coletiva[10], pois nos é ofertada uma diversidade de produtos consumíveis para realizarmos nossos sonhos, cabendo a cada ser humano verificar o que está buscando para a sua formação intelectual, afetiva, psicológica, pois estamos envolvidos no todo e não em partículas de forma que um depende do outro, e dessa interdependência entre os sujeitos depende a formação da sociedade, que tem início com a educação familiar e da educação pública a qual busca formar os cidadãos para o exercício da cidadania.

> [...] de uma educação pública, retirada da família e do santuário, que visa à formação do cidadão e das suas virtudes (persuasão e capacidade de liderança, sobretudo). É uma educação que se liga à palavra e à escrita e tende à formação do homem como orador, marcado pelo princípio do Kalokagathos (do belo e do bom) e que visa cultivar os aspectos mais próprios do humano em cada indivíduo, elevando-o a uma condição de excelência, que, todavia não se possui por natureza, mas se adquire pelo estudo e pelo empenho (CAMBI, 1999, p. 86).

A educação enquanto processo de busca pela formação humana procura despertar em cada pessoa, a consciência de sua própria dignidade e sua capacidade de exercer atitudes cidadãs. Ela é o instrumento que transforma a pessoa, tornando-a responsável pelo seu próprio progresso e pelo bem da comunidade. Educar é fazer uso do raciocínio, do pensar com o fito de analisar ações que fazem parte do processo de formação do ser humano que engloba a educação formal e informal, porque o sujeito é um ser único que está envolvido dentro do âmbito social em suas diferentes conjunturas.

---

[9] A esta tríplice relação, Gadotti se refere em *Os mestres de Rousseau* (São Paulo: Cortez, 2004), fazendo alusão a Rousseau quando menciona no *Emílio* que a educação vem-nos da natureza, ou dos homens ou das coisas.

[10] Contemporaneamente, buscando um sentido filosófico para os dois conceitos (razão subjetiva e racionalidade coletiva) quem melhor decifra e interpreta essa relação entre os dois é o filósofo da Escola de Frankfurt, Max Horkheimer (1895-1973). Em *Eclipse da Razão* (2002), querendo explicitar que a razão subjetiva eclipsou a razão objetiva, Horkheimer parece afirmar que a razão subjetiva é a razão *interesseira* porque serve ao interesse do sujeito quanto à auto-preservação (p.13). Chauí (2000), afirma que a razão instrumental é uma razão subjetiva, porque está no ser humano e consta dos seus interesses (p. 57-88). Discute-se, de maneira também filosófica, que uma racionalidade objetiva traz a razão como um princípio inerente da realidade. Segundo Horkheimer: "A relação entre esses dois conceitos de razão não é simplesmente de oposição. Historicamente, ambos os aspectos subjetivo e objetivo da razão estiveram presentes desde o princípio, e a predominância do primeiro sobre o último se realizou no decorrer de um longo processo. A razão em seu sentido próprio de *logos*, ou *ratio*, sempre esteve essencialmente relacionada com o sujeito, com a sua faculdade de pensar (p.16).

> Formar este cidadão significa assumir alguns desafios: sair da prática comum de espectadores críticos ou do pessimismo passivo daqueles que só sabem apontar falhas, assumir a nossa parcela de responsabilidade sobre a formação do ser humano integral a fim de devolver ao cidadão a compreensão de que ele pode tomar para si o destino de sua história, pode refletir sobre o seu "estar sendo no mundo" e construir autonomia para agir sobre si mesmo e sobre o mundo em que vive, transformando-o para melhor, entender que a tarefa de educar cabe ao professor, ao diretor, aos demais funcionários da escola, aos pais, à comunidade (cada um com sua parcela de responsabilidade), criando, assim, uma dinâmica social local que gere a fortaleça a sinergia entre diversos esforços de diferentes sujeitos que contribuem para a Educação Integral desde a infância (ANTUNES; PADILHA, 2010, p. 27).

Conforme já foi enfatizado, a formação está ligada ao ser humano, a todo instante de sua vida, começando na infância com a família, quando se deve estabelecer regras, planejar atitudes que levam à obediência e respeito aos valores éticos. Tais ações propositivas podem evitar, a meu ver, que os sujeitos/educandos se tornem escravos de ideologias que defendem a tese de que quem tem o poder econômico domina. Mas, pode-se constatar que existe dentro da sociedade atos deseducativos como os exemplos de pessoas que não são comprometidas com a ética, com o respeito ao próximo enquanto colega de profissão, quanto ao educador que deve pensar na realidade do educando e que, frequentemente, não sabe a respeito dos problemas familiares e econômicos de seus alunos, que muitas vezes, é na escola que recebem sua primeira alimentação do dia. Nem sempre podemos pensar na ociosidade, nos requintes que poucos possuem ou nas desigualdades sociais que existem na sociedade. Penso que devemos valorizar as boas ações e, por estar desenvolvendo esta pesquisa sobre formação relacionada ao contexto educacional, penso que ter esperança, acreditar e lutar dentro da minha realidade por mudanças (como seres simples que somos, como nos situa Rousseau, e não seres corroídos pela ganância de viver às custas da miséria dos outros) é um ideal a ser construído.

> A extrema desigualdade na maneira de viver, o excesso de ociosidade em alguns, o excesso de trabalho de outros, a facilidade de irritar e de satisfazer nossos apetites e nossa sensualidade, os alimentos muito requintados dos ricos, que os nutrem com sucos excitantes e os sobrecarregam de indigestões, a má alimentação dos pobres, que chega muitas vezes a faltar-lhes e cuja falta os leva a sobrecarregar avidamente o estômago quando podem, as vigílias, os excessos de toda espécie, os transportes imoderados de todas as paixões, as fadigas e o esgotamento de espíritos, os desgostos e as penas inumeráveis que se experimentam em todos os estados e de que as almas estão perpetuamente corroídas, aí estão os funestos fiadores de que a maior parte dos nossos males são

> nossa própria obra e de que poderíamos evitá-los quase todos, conservando a maneira de viver simples, uniforme e solitária que nos foi prescrita pela natureza. Se essa nos destinou a ser sadios, ouso quase assegurar que o estado de reflexão é um estado contra a natureza e que o homem que medita é um animal depravado (ROUSSEAU, 2007, p. 37).

Assim sendo, chego à hodiernidade e à reflexão sobre a formação humana que vem sendo motivo de preocupação, na sociedade democrática, aberta ao diálogo, sociedade em que realizamos debates e participamos de eventos. Nesses momentos, talvez possamos juntos delimitar parâmetros para uma educação que possa valorizar normas e disciplina, uma formação integral. Mas, para isso, é mister que façamos uma reflexão sobre quais os recursos, que instrumentos, meios são utilizados pela família e pela escola para alcançar a formação integral das crianças. Rousseau (2004, p.149) mostra que precisamos formar primeiro o corpo para depois o espírito.

> Para exercer uma arte, deve-se começar por obter os instrumentos e, para poder empregar utilmente esses instrumentos, é preciso que sejam bastante sólidos para resistir ao uso. Para aprender a pensar, devemos, portanto exercer nossos membros, nossos sentidos, nossos órgãos, que são os instrumentos de nossa inteligência; e, para tirar todo o partido possível desses instrumentos, é preciso que o corpo que os abastece seja robusto e são. Assim, longe de a verdadeira razão do homem formar-se independentemente do corpo, é a boa conformação do corpo que torna fáceis e seguras as operações do espírito.

Tendo em vista preocupações que enumero acima, proponho-me a mostrar a importância que um projeto pedagógico do século XVIII, que valoriza a natureza em todos os seus sentidos, ou seja, prestigia a visão, a audição, o tato, o olfato e o paladar, sempre tendo em vista que se aprende através da experiência. No inverno, quando as crianças andam descalças e sentem frio, devemos instruir a que elas mesmas busquem abrigo, porque nesse momento é-lhes ensinado que devem passar por dificuldades a fim de aprenderem a se defender. Também, uma brincadeira denominada "*gata-cega"* seria aconselhada com a finalidade de que entendessem a importância dos outros sentidos, ou como usar o tato, a audição e até mesmo o olfato para descobrir os companheiros de brincadeira. Rousseau (2004, p. 162-163) afirma: "Quando estiverdes fechado numa casa no meio da noite, batei as mãos; percebereis, pela ressonância do lugar, se o espaço é grande ou pequeno, se estais no meio ou num canto. [...] Muitas brincadeiras à noite. Isso é mais importante do que parece".

Rousseau valoriza a liberdade de correr ao ar livre, e desaconselha o confinamento a que muitas vezes submetemos as crianças. Pensar sobre o que não é próprio para a sua idade significa (para a criança) abdicar de viver sua infância.

> Em vez de deixá-lo estragar-se no ar corrompido de um quarto, que seja levado diariamente até o prado. Ali, que corra, se divirta, caia cem vezes por dia, tanto melhor, aprenderá mais cedo a se levantar. O bem-estar da liberdade compensa muitos machucados (ROUSSEAU, 2004, p.71).

Adverte que a criança deve exercitar sua capacidade de autonomia, deve desenvolver sua identidade e buscar conhecer-se a si mesma. Segundo o autor, as crianças estão sendo educadas como adultos. Neste instante, estamos pensando nos valores humanos, no olhar e escutar o que está ao nosso alcance, Ribes (2000, p. 83-84) faz-nos refletir sobre o surgimento da tecnologia e as relações sociais.

> Até que ponto o surgimento da tecnologia afastou as pessoas, ou as pessoas se afastam por questões de valores que caíram em desuso? Os mais velhos vemos com certa saudade dos tempos em que se visitavam os amigos e se sentavam – na calçada para uma hora feliz de troca de conversas e compartilhamento das belezas naturais. Primavera, verão e outono eram estações privilegiadas para os fins de tarde em coletivo, fosse num parque, praça, clube ou na frente das casas. Normalmente se acusa a televisão em primeiro lugar; a vida corrida de todos os membros adultos da família trabalhando fora de casa; residência longe do trabalho; e tantos outros fatores para justificar o distanciamento havido entre gentes. Serão esses, realmente, os fatores causadores do pouco contato entre as pessoas? Penso que não. Tais explicações podem ser plausíveis mas não explicam o fenômeno. As pessoas se afastaram ou se afastam, porque não querem construir espaços coletivos. O próprio modelo econômico, hoje quase globalizado, ensinou o individualismo, porque isto é bom para o sistema.

Se a cultura das ciências é nociva às qualidades guerreiras, o é ainda mais prejudicial às qualidades morais. Pois, desde os nossos primeiros anos, uma educação insensata orna o nosso espírito e corrompe o nosso julgamento. Vejo em toda parte estabelecimentos imensos, onde se educa com altos gastos a juventude, para lhe ensinar todas as coisas, exceto os deveres.

> Vossos filhos ignorarão sua própria língua, mas falarão outras que não estão em uso em nenhum lugar, saberão compor versos que mal conseguirão compreender sem saber separar o erro da verdade, dominarão a arte de torná-los irreconhecíveis aos outros por meio de argumentos especiosos, mas as palavras magnanimidade, equidade, temperança, humildade, coragem, eles não saberão o que seja; o doce nome da pátria jamais impressionará seus ouvidos (ROUSSEAU, 2010, p. 37).

Lanço reflexões sobre o modo como o ser humano deve estar constantemente avaliando sua existência, pois assim poderemos começar a pensar em buscar estratégias de autoformação para modificar uma sociedade que está em meio a uma crise, onde os valores estão distorcidos. Rapidamente, sem que estejamos percebendo as coisas importantes na nossa comunicação estão se perdendo, palavras e símbolos se confundem e se espalham no emaranhado de informações com que vivemos diariamente e, sem querer já não sabemos onde estão as verdades e as mentiras e o que realmente vale e serve, acabará se perdendo. Só o indivíduo pode reverter esse quadro.

Por isso, muitos estudiosos têm se dedicado ao estudo da formação humana, e, sendo assim, surgem muitas teorias e caminhos a seguir. Apesar disso, o ser humano, às vezes, não consegue valorizar nem lidar com a evolução de sua espécie e acaba desviando-se de valores primordiais para sua formação. Por isso, esse sempre é um tema que desperta o interesse e a preocupação de todos. Nas palavras do filósofo alemão Humboldt:

> El género humano es una planta natural, igual que la especie de los leones y la de los elefantes... con la única diferencia de que el próprio germen de la formación se une a las únicas fuerzas que em aquellas especies se nos muestran visiblemente la idea del lenguaje y de la libertad, que se desarrolla mejor o peor (1997, p. 39).

A formação está relacionada aos aspectos da cultura, mas também à busca constante do indivíduo em relação a avaliar a sua existência perante os outros, aos objetos e a tudo que o rodeia. Conforme já mencionamos, em nível da formação moral, a construção do edifício do humano está relacionada àquelas questões clássicas: *o que posso fazer?*, *o que devo fazer?*, *o que posso esperar?*, pois cada um adquire uma forma pessoal de ver o mundo. Dozol (2006, p. 42), em sua leitura sobre Rousseau nos traz:

> Rousseau sugere que o próprio povo escolha suas formas de descanso e distração, ao mesmo tempo em que defende as festas públicas como alternativas ao teatro. Além de oportunidade para a manifestação de uma alegria autêntica por parte do povo, tais festas confirmaríamos valores e as virtudes morais, e estreitariam os laços afetivos entre os cidadãos e os destes com a pátria.

Por isso, é que devemos ser críticos na busca de novas possibilidades, procurando analisar de maneira consciente, através da racionalidade e da razão[11], o que nos é ofertado – uma diversidade muito grande de oportunidades para realizarmos nossos sonhos. Cabe a cada ser humano verificar o que está buscando para a sua formação intelectual, afetiva, psicológica, pois estamos envolvidos no todo e não em partículas: um depende do outro, e disto depende o amanhã. Novamente, trazemos Humboldt[12] para ilustrar nossa tese:

> Mas o homem possui em si mesmo força para evitar essa unilateralidade – (ou atende à sua liberdade ou sente-se oprimido por ela frente às circunstâncias que a mesma impõe a ele) – através da tentativa de unir as faculdades da sua natureza, distintas e geralmente exercitadas em separado, fazendo surgir cooperação espontânea, em cada etapa de sua vida; a extinguida centelha de uma atividade, e aquelas que o futuro acenderá, e o esforço para aumentar e diversificar as forças com as quais ele trabalha, combinando-as harmoniosamente, ao invés de procurar por uma mera variedade de objetos para os seus exercícios em separado[13] (HUMBOLDT, 1969, p. 11).

A formação do cidadão está relacionada aos fatos políticos, sociais, econômicos e educacionais e frequentemente, segundo Rousseau, encontra-se olvidada: “a arte de formar os homens permanece esquecida.” (ROUSSEAU, 2004, p. 4).

Desde tempos remotos, o ser humano busca a evolução, quer no seu aspecto material como nos seus sentimentos. Isto é um aspecto inerente à formação do indivíduo social e, por isso, tudo que envolve a evolução e influencia diretamente nela, desperta o interesse e a preocupação de um estudo mais profundo, visando melhorar este ser e consequentemente o mundo em que vive, pois é preciso saber distinguir entre o vício e a virtude, entre a mentira e a verdade. Eis o tipo de discernimento que nos é proporcionado pelo ato formativo em que a instituição *família* deve oportunizar, abrir caminhos para que o homem busque sua evolução

---

[11] Conforme Rousseau (2004, p. 148): “Como tudo o que entra no entendimento humano vem pelos sentidos a primeira razão do homem é uma razão sensitiva; é ela que serve de base para a razão intelectual: nossos primeiros mestres de filosofia são nossos pés, nossas mãos, nossos olhos. Substituir tudo isso por livros não equivale a nos ensinar a raciocinar, mas sim a nos ensinar a nos servirmos da razão de outrem; equivale a nos ensinar a acreditar muito e a nunca saber nada”.

[12] “But man has it in his power to avoid this one-sidedness, by attempting to unite the distinct and generally separately exercised faculties of his nature, by bringing into spontaneous cooperation, at each period of his life, the dying sparks of one activity, and those which the future will kindle, and endeavouring to increase and diversify the powers with which he works, by harmoniously combining them, instead of looking for a mere variety of objects for their separate exercise” (HUMBOLDT, 1969, p. 11).

[13] A tradução é nossa.

cultural, seguida pela educação formal na escola. Por ser o próprio homem que compõe a Constituição do Estado, cabe a ele mesmo a concessão de oportunidades de evolução.

Mostro que desde os tempos mais remotos, o ser humano busca evoluir e utilizar-se da racionalidade, um dos meios que o homem tem para discernir o certo do errado, a justiça da injustiça, o bem e o mal, para assim prevenir os malefícios de uma sociedade ambiciosa e individualista.

2. Possíveis contribuições para o processo de formação humana na hodiernidade: diálogos com/a partir de Rousseau

2.1 Aspectos humanizadores da formação: a trajetória formativa do homem

> *"Sabeis qual é o meio mais seguro de tornar miserável vosso filho? É acostumá-lo a obter tudo, pois, crescendo seus desejos sem cessar pela facilidade de satisfazê-los, mais cedo ou mais tarde a impotência vos forçará, ainda que contra a vontade, a usar da recusa. E essa recusa inabitual dar-lhe-á um tormento maior do que a própria privação do que deseja. Primeiro ele irá querer a bengala que segurais; logo irá querer vosso relógio; em seguida, irá querer o passarinho que voa; irá querer a estrela que vê brilhando; quererá tudo o que vir.*
> *A menos que sejais Deus, como o contentareis?".*
>
> ROUSSEAU (2004, p. 86).

A primeira educação começa através dos sentimentos da mãe em relação ao filho, uma vez que sua dedicação fortalece os laços familiares por estar relacionada à educação natural[14]. Afirma que o amor devido pelo filho a sua mãe, por ela cumprir com o virtuoso dever que a natureza lhe impõe, deve ser um sentimento a ser cultivado. Rousseau destaca o papel da mãe, descrevendo o dom de amamentar, dado às mulheres e não aos homens, em uma alusão ao privilégio consentido apenas às mulheres.

> A primeira educação é mais importante e cabe incontestavelmente às mulheres. Se o autor da natureza houvesse desejado que ela coubesse aos homens, ter-lhes-ia dado leite para alimentar as crianças. Assim, falai sempre de preferência às mulheres em vossos tratados sobre a educação, pois, além de estarem em condições de tratá-la mais de perto do que os homens e de influírem sempre mais, o êxito também lhes interessa muito mais, já que a maior parte das viúvas se acha como que à mercê dos filhos e eles então lhe fazem sentir vivamente, no bem e no mal, o efeito da maneira como foram criados. Sempre muito ocupadas com os bens e pouco com as pessoas, por terem como objeto a paz e não a virtude, as leis não dão bastante autoridade às mães. Todavia, sua condição é mais segura do

[14] Para Dalbosco (2011, p. 32): "A educação natural, também denominada educação negativa, abrange a fase do educando (Emílio) que inicia com seu nascimento e estende-se até o final da segunda infância, quando ele atinge a idade aproximada de 12 anos. Ela abarca tanto a primeira como a segunda infância. A ênfase do processo pedagógico dessa fase recai sobre o fortalecimento do corpo e o refinamento dos sentidos e, portanto, deve ser uma educação orientada pelo convívio do educando com as coisas. Trata-se mais de uma educação guiada pelas coisas do que discursiva baseada na razão".

> que a dos pais, e seus deveres são mais duros; seus cuidados são mais importantes para a boa ordem da família e, geralmente, elas têm maior apego às crianças. Ocasiões há em que um filho que desrespeita o pai pode de algum modo ser desculpando; se, porém, em qualquer ocasião que seja, um filho fosse tão desnaturado a ponto de desrespeitar sua mãe, aquela que o carregou em seu seio, que o alimentou com seu leite e, durante anos, esqueceu-se de si mesma para só se ocupar dele, dever-se-ia ter pressa em estrangular esse miserável como um monstro indigno de ver a luz. Dizem que as mães mimam os filhos. Neste ponto, sem dúvida, elas erram, mas erram menos do que vós, talvez, que os depravais. A mãe quer que seu filho seja feliz, e isto desde agora. Ela tem razão; se se engana quanto aos meios, devemos esclarecê-la. A ambição, a avareza, a tirania, a falsa previdência dos pais, a sua negligência, sua dura insensibilidade são cem vezes mais funestas para as crianças do que a cega ternura das mães. De resto, é preciso explicar o sentido que dou à palavra *mãe*, e é o que farei em seguida (ROUSSEAU, 2004, p. 7-8).

Na família, é que devemos começar a desenvolver os sentidos, os laços afetivos que serão nossas primeiras faculdades e que muitas vezes são esquecidas ou as mais desdenhadas como nos é lembrado no livro II do *Emilio* e o que vemos é, na maioria das vezes, a transferência da responsabilidade de educar dos pais para a escola. O trabalho, a correria e a busca pela própria sobrevivência fazem com que os pais passem a maior parte do tempo longe de seus filhos, delegando seu papel de educar para pessoa estranha à família.

Alguns tentam executar sua tarefa de educadores, mas não podem acompanhar o desenvolvimento rápido da vida moderna, deixando de conviver com questões essenciais no dia a dia dos filhos, crianças ou adolescentes. Diante do apresentado, é possível perceber que lacunas ou perdas substanciais são inevitáveis na formação integral do ser humano. Certos valores, determinadas dúvidas e apreensões de uma criança só podem ser bem resolvidas com os atrativos da vida doméstica, da participação e presença da família.

> Os atrativos da vida doméstica são o melhor contra veneno para os maus costumes. A agitação das crianças, que acreditamos importuna, tornar-se-á agradável; ela torna o pai e a mãe mais necessários, mais queridos um pelo outro e reata entre eles os laços conjugais. Quando a família é viva e animada, os trabalhos domésticos constituem a mais cara ocupação da mulher e o mais divertimento do marido. Assim, apenas da correção desse abuso logo decorreria uma reforma geral, logo a natureza teria reassumido todos os seus direitos. Se as mulheres voltarem a ser mães, logo os homens voltarão a ser pais e maridos (ROUSSEAU, 2004, p. 22).

Numa alusão ao fato de como a formação inicial da criança acontece, Rousseau afirma que o sentimento é o caminho para o conhecimento. Assim, passamos a valorizar o mundo humano e não o mundo que é exterior à criança, na

busca de colocar restrições ou, como descreve Rousseau, “um cercado ao redor da alma”.

> É a ti que me dirijo terna e previdente mãe, que soubeste afastar-se da estrada principal e proteger o arbusto nascente do choque das opiniões humanas! Cultiva, rega a jovem planta antes que ela morra; um dia, seus frutos serão tuas delícias. Forma desde cedo um cercado ao redor da alma de teu filho; outra pessoa pode marcar o seu traçado, mas apenas tu podes colocar a cerca (ROUSSEAU, 2004, p. 8).

Em sua obra *Emílio,* Rousseau destaca o *modo* como devemos instruir as crianças, apresentando uma proposta pedagógica que propõe a formação, em um primeiro momento, pela experiência, – através da educação das coisas, – que a criança pode adquirir através da necessidade.

Como parte da educação pela natureza, Rousseau sugere trabalhar, primeiramente, os órgãos dos sentidos e suas faculdades, para, em seguida, podermos buscar a educação das “coisas”, onde as experiências são ligadas aos objetos.

> Em síntese, de acordo com o linguajar atual, poderíamos afirmar que a educação natural tem como meta o desenvolvimento sensório-motor da criança, visando ao fortalecimento do corpo e ao refinamento dos sentidos. Nos dois primeiros livros do *Émile*, Rousseau descreve, com base numa gama variada de detalhes, em que sentido e com apoio em que conteúdo e procedimento metodológico o adulto deveria se ocupar da educação do tato (tocar), da visão (ver), da audição (ouvir), do gosto (paladar) e do olfato (odor). A riqueza empírica que oferece nesse, mostrando a conexão do texto e interdependência entre os sentidos e os recursos pedagógicos mais apropriados para desenvolvê-los, se ampara na convicção epistemológica de fundo, a saber, de que do aprimoramento adequado dos sentidos depende o posterior desenvolvimento maduro das capacidades cognitivas e morais da criança (DALBOSCO, 2011, p. 33).

A educação dos *homens* passa, assim, pela educação proposta pela natureza, momento em que a criança vai desenvolvendo os sentidos conforme suas experiências e tendo em vista a sua sensibilidade natural. Dessa forma, irá adquirir conhecimento através da orientação do adulto[15] visando suas necessidades perante sua realidade.

[15] Conforme Martins (2011, p. 66): o que podemos afirmar é que Rousseau teme o risco da intervenção do adulto na formação de uma criança, já que o adulto projeta os seus ideais, as suas experiências e as suas crenças no mundo dela. Podemos, ao interferir no seu mundo, ao pô-la em contato com os nossos hábitos, corromper o seu caráter.

> O primeiro sentimento que provém da natureza é correto e trata-se do sentimento do amor de si mesmo (amour de soi-même), que está em nós e é responsável para que sejamos nós mesmos. A voz interna da natureza determina em última instância o que é bom. A consciência, por sua vez, que é nossa condutora interna, fala para nós na linguagem da natureza. Ela é a voz da natureza como aparece num ser que já vive em sociedade, que é capaz de linguagem e razão. Esse é um dos motivos que levaria Rousseau atribuir grande peso ao papel da consciência, pois ouvir sua voz interna significaria nada mais do que ouvir a própria voz da natureza (DALBOSCO, 2007, p.137).

Com relação à educação do aluno Emílio de Rousseau, constatamos a importância do processo educativo/formativo, desde sua fase inicial de crescimento. Rousseau também fará com que aprendamos que a educação é uma questão ligada aos hábitos, às ações, ao exemplo, que são analisados e interpretados pelo aluno. É enfatizado pelo autor que a criança deve ser tratada como criança e não como um adulto: “Eles procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que esta é, antes de ser homem” (2004, p. 6). Também encontramos, na obra, o destaque para a educação da natureza, quando desenvolvem-se nossas faculdades e nossos órgãos são aperfeiçoados. Na educação dos homens, é ensinado como utilizar a educação da natureza, que está relacionada ao desenvolvimento do caráter, da racionalidade, da razão, da compreensão. A educação através das coisas que vêm valorizar a aquisição de experiências é enfatizada, principalmente em relação à importância de tratar a criança como criança, buscando encaminhá-la para atividades que condizem com sua idade.

> Para não corrermos atrás de quimeras, não nos esqueçamos do que convém à nossa condição. A humanidade tem seu lugar na ordem das coisas, e a infância tem o seu na ordem da vida humana: é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança. Determinar para cada qual o seu lugar e ali fixá-lo, ordenar as paixões humanas conforme a constituição do homem, é tudo o que podemos fazer pelo seu bem-estar. O resto depende de causas alheias que não estão em nosso poder (ROUSSEAU, 2004, p. 73).

Por serem mais fracas e carentes nos primeiros momentos de vida, as crianças vão gradativamente adquirindo confiança para deixar falar e valorizar o que vem de dentro delas mesmas, seus valores, sua bondade, sempre na perspectiva do agir correto, na busca da moralidade.

> Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é

> dado pela educação. Essa educação vem-nos da natureza ou dos homens ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e a aquisição de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam á educação das coisas (ROUSSEAU, 2004, p. 9).

Tendo em vista a sua teorização relacionada à valorização dos órgãos dos sentidos,– primeira etapa da formação das crianças – na busca de formar o ser humano através de recursos encontrados na natureza, ou seja, a criança experimentando, tocando, olhando, orientando-se, dizemos que Rousseau é o autor que estabelece uma nova maneira de pensar a criança e o conceito de infância, porque, segundo palavras de Rousseau, (2010, p. 90) em sua obra *Os devaneios do caminhante solitário* "a natureza nunca mente". É na esteira de valorizar o contato da criança com a natureza que descreve os "cenários agradáveis que algumas vezes fixava os olhos em plantas na vegetação, onde ainda as via em flor e descrevia a imagem da solidão que era trazida pelo inverno com as flores murchas pela tristeza e ressequidas pelos desgostos"(p.17).

Sendo a família a primeira sociedade humana a qual a criança pertence, compete a ela a formação inicial do sujeito, onde o mesmo deve aprender com o convívio familiar a olhar pela natureza, a conhecê-la, respeitá-la e conservá-la. A natureza fala por si, transmite sentimentos e, se soubermos olhar, escutar, cheirar e analisar a gama de informações que a natureza nos transmite, estaremos apreendendo o sentido de fazer parte deste ecossistema e partindo dos valores e ensinamentos que desenvolvemos no seio familiar como respeito mútuo, estabelecimento de não ultrapassar os limites, o conhecimento de nossos deveres e dos direitos. Nesse processo, o diálogo familiar e a convivência são fatores relevantes. Em sua obra *Projeto para a Educação do senhor de Sainte-Marie,* Rousseau (1994, p. 87), nos faz refletir sobre:

> [...] só uma harmonia e um acordo perfeitos entre um pai e um preceptor podem assegurar o sucesso de uma boa educação; e do mesmo modo como o melhor pai atuaria em vão para bem educar o seu filho se por outro lado o deixasse nas mãos de um preceptor desatento, o mais inteligente e zeloso de todos os mestres faria esforços inúteis se o pai, ao invés de auxiliá-lo, destruísse sua obra com iniciativas inoportunas.

Uma das instituições mais importantes no modo como a humanidade foi sendo construída é a família, por ser ela caracterizada como um espaço primário, onde tudo tem sua origem.

Ela torna-se parte responsável pelo modelo que o sujeito perseguirá no que diz respeito ao desempenho de seus papéis sociais e das normas e valores que constroem tais papéis. Os níveis das três práticas em que o sujeito atua – social produtiva e simbolizadora – dependem em grande marca daquilo que ele apreende e desenvolve na família, seus laços familiares permanecem ligados até quando os filhos necessitam de proteção.

> A mais antiga de todas as sociedades, e a única natural, é a família: os filhos permanecem ligados ao pai apenas durante o tempo em que têm necessidade dele para se conservar [...] a família pode ser considerada, então, o primeiro modelo das sociedade políticas: o chefe é a imagem do pai, o povo é a imagem dos filhos; e todos, nascidos iguais e livres (ROUSSEAU, 2008, p. 17).

Diante das palavras expressas por Rousseau no transcorrer de sua redação, Dalbosco (2009, p. 178) assevera que:

> O projeto de uma educação natural exige, por isso, uma participação efetiva dos pais na educação dos filhos, pois, para Rousseau, uma das formas de solidificar a "voz da natureza" na formação da criança, contra a artificialidade reinante na sociedade, é a de fazer valer a "voz do sangue", no sentido de fortalecer hábitos naturais por meio dos cuidados e da proteção exercidos pelos pais. O pressuposto desta posição é que a vinculação afetivo-paterna com a criança, orientada por aqueles princípios da educação natural que atribuem sentido normativo ao modo como os cuidados adultos devem ser exercidos, constrói um núcleo interno importante à formação progressiva da identidade da criança que lhe ajudaria na resistência futura contra os malefícios oriundos do caráter de representação artificial das relações sociais do adulto.

Atualmente, ligamos a TV e as principais manchetes são: *Pedofilia na Internet*; *Padrasto ou Pai estupra filha*; *Pais são mortos pelo(a) filho(a)*; *Aluno mata com um tiro colega na sala de aula*; *Alunas brigam e mães incentivam na porta da escola*; *Aluno agride professora*; *Professor atinge com violência um aluno*; *Alunos invadem e ocupam diretoria da Universidade*; *Crianças usam drogas a céu aberto*; *Policial mata jovem inocente*; *Bala pedida atinge criança dentro de casa*, etc. Poderia citar outras tantas ocorrências do gênero, que fazem parte do nosso cotidiano. O que quero demonstrar, com isso, é que a educação familiar está falhando em sua função de participar da vida dos filhos, pois as crianças precisam ocupar seus espaços, necessitam sentirem-se amadas, orientadas – sempre respeitando seu ritmo – porque a criança chega à escola trazendo consigo uma soma de conhecimentos ou de produções que, muitas vezes, são tão marcantes e profundos que a escola não consegue removê-los porque a primeira educação está

registrada em sua vida. Sendo o homem um ser singular que vai formando-se no decorrer de suas experiências, ao aprender a falar, a caminhar, ao aplicar as diferentes linguagens, na prática de observar acontecimentos e fazer reflexões sobre os mesmos, de conviver com seus familiares, é importante valorizarmos o ser em relação a todas as fases de sua formação e oportunizar condições adequadas para a construção de sua personalidade tendo como foco sua realidade. Netto e Braz (2008) fazem referências sobre o homem como ser social:

> Com efeito, o homem não nasce indivíduo social: ao nascer, os homens são puras singularidades; somente no seu processo formativo-social, no seu amadurecimento humano, os homens podem tornar-se indivíduos sociais – isto é, homens singulares que se humanizam e, à base da socialização que lhes torna acessíveis às objetivações já construídas do ser social, constroem-se como personalidades inconfundíveis. No seu processo de amadurecimento, e conforme as condições sociais que lhe são oferecidas, cada homem vai se apropriando das objetivações existentes na sua sociedade; nessa apropriação reside o processo de construção da sua subjetividade. A subjetividade de cada homem não se elabora nem a partir do nada, nem num quadro de isolamento: elabora-se a partir das objetivações existentes e no conjunto de interações em que o ser singular se insere. A riqueza subjetiva de cada homem resulta da riqueza das objetivações de que ele pode se apropriar. E é a modalidade peculiar pela qual cada homem se apropria das objetivações sociais que responde pela configuração da sua personalidade (46-47).

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman em *Vida para consumo*: *a transformação das pessoas em mercadoria* traz reflexões sobre os sonhos aflitivos que rondam o *Homo consumens*, sonhos esses que transitam entre a criação e a satisfação de novas necessidades. O homem, cada vez mais, busca prazeres, anseia o supérfluo que não raro o leva à falta de cultura, carrega consigo ganância cada vez maior em direção ao enriquecer, esquecendo muitas vezes das pessoas que o rodeiam.

Tal explicação para esse tipo de acontecimento humano, – a supervalorização do consumo – é encontrada não só em autores da contemporaneidade como também em autores clássicos. Não é novidade que um pensador como Rousseau possa apontar estratégias educativas para contornar aspectos desumanizantes. Rousseau acredita que o homem é naturalmente bom e considera que a sociedade, de valores distorcidos pelos problemas políticos, econômicos e sociais o conduz aos vícios. O indivíduo deixa de lado suas virtudes e a pureza de costumes para aderir ao estado civil que traz consigo mazelas e malefícios, e o retira do estado que autores contratualistas denominam *estado de*

natureza. Esta relação que existe no pensamento de Rousseau entre uma natureza boa e uma natureza corrompida é ponto de partida para discutir a formação humana em Rousseau.

A proposta pedagógica apresentada por Rousseau no século XVIII possui uma recepção no século XXI primeiro, pelo fato de o autor acreditar que a natureza do homem seja boa[16], o que corrobora uma visão otimista sobre a natureza humana. No convívio, ou seja, perante sua convivência em sociedade poderá corromper-se, embora Rousseau admita (metafisicamente) que há uma ordem universal que auxiliará na garantia desta bondade. O estabelecimento e a manutenção da retidão, entretanto, caberá ao homem. Nas palavras de Dozol: "o homem é livre para, diante das tentações, ser contido pela própria consciência. É justamente esta possibilidade que o enobrece" (p.57).

Admitindo o adulto já formado como senhor de si, protagonista de suas decisões e partindo da premissa de que precisamos repensar nossas condições perante família (mãe/pai), quanto professores/escola, igreja, comunidade por serem estas instituições que deveriam buscar a formação do homem, penso que no decorrer de sua vida, Rousseau deixou claro que a formação depende da dedicação, do olhar dispensado à criança perante suas necessidades, do acreditar que a criança irá conseguir vencer as etapas impostas pela educação da natureza, das coisas e dos homens, mas sempre tendo presente que tudo ocorre a seu tempo e a educação deve ser "regada" de limites, de virtudes de exemplos e não de palavras, pois não basta falar mas, sim, colocar em prática os preceitos de uma educação formadora de princípios morais. Segundo Dent, na obra Dicionário Rousseau (1996, p. 48), o filósofo de Genebra:

> [...] está sustentando que os homens nascem, se não exatamente virtuosos (pois isso envolve o conhecimento do bem e a vontade consciente de o praticar), pelo menos predispostos à virtude – benignos, afetuosos e ternos em seus sentimentos e disposições inatas, naturalmente inclinados para tratar com magnanimidade e carinho todos aqueles com quem se relacionam. Agressividade, malícia rancor, despeito e inveja são estranhos ao coração humano imaculado que sai das mãos do seu Criador.

[16] Natureza Boa é a qualidade humana que Rousseau, na esteira do pensamento religioso que o autor defende, em geral, considera à parte e distinta da vontade humana, ou seja, é boa porque resultante de uma ordem necessária na qual não imperam ainda o *amour-propre,* os caprichos e a maldade. A natureza é boa, porque **é** e existe, ou seja, Rousseau concede à natureza um estatuto quase divino.

Trazendo para os dias atuais, questiono-me como será que a criança está sendo olhada em suas relações familiares, em sua comunidade/bairro ou em sua escola? Estará ela sendo vista como criança em seu próprio mundo? Segundo Muniz (1999), até a época de Rousseau, “a criança era vista como um adulto em miniatura, obtendo o *status* de participante da sociedade somente a partir do momento em que pudesse ser incorporada como força de trabalho” (p.245). O mestre ou os pais não podem projetar seus anseios e angústias nas crianças.

Rousseau mostra a importância da convivência e os primeiros laços afetivos que as crianças devem ter para com os pais. Como estamos trabalhando estas relações, pois são os pais que deveriam preparar a criança para a sociedade. Na escola, os educadores/mestres estão pensando em buscar recursos e propostas que façam com que a criança saiba o que a natureza lhe propõe como educação? Martins (2011, p. 58) em sua obra *Filosofia e Educação no Emilio de Rousseau* nos faz refletir sobre a responsabilidade dos pais na primeira infância:

> [...] numa tentativa de atualização do pensamento de Rousseau, devemos esclarecer que, embora ele tenha vivenciado nos seus dias esse abandono das crianças e tratado da substituição dos pais, ele considera absurdo, seja por qual for o motivo, os pais abdicarem sua responsabilidade de pais. Que os pais têm que trabalhar, todos sabemos. Porém, isso não os exime da responsabilidade pela educação dos seus filhos. Desse modo, é preciso pensar não só o papel do educador na primeira infância, mas, também, pensar nos pais como os primeiros educadores.

Ou seja, em seu meio, a criança está sabendo olhar o próximo, enxergar seu semelhante, consegue parar e ouvir quando alguém clama por atenção, tenta tocar e sentir o que está a sua volta, sente o ar, o cheiro das flores, consegue saborear uma fruta cultivada no quintal? Ou através de uma atitude acomodada dos adultos, ela somente está relacionando-se através de uma vida artificial, planejada pelos interesses alheios aos seus e à essência que a criança traz no seu interior, sua condição de ser criança e não adulto.

> A natureza da criança quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens. Se quisermos perverter essa ordem, produziremos frutos temporões, que não estarão maduros e nem terão sabor, e não tardarão em se corromper, teremos jovens doutores e crianças velhas. A infância tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que lhe são próprias, nada é menos sensato do que querer substituir essas maneiras pelas nossas, e para mim seria a mesma coisa exigir que uma criança tivesse cinco pés de altura e que tivesse juízo aos dez anos. Com efeito, de que lhe serviria a razão nessa idade? Ela é o freio da força, e a criança não precisa desse freio (ROUSSEAU, 2004, p. 91).

Conforme afirma Rousseau, na primeira frase do Emílio, "*tudo sai bom das mãos do Criador"*, pergunta-se como a criança poderá desenvolver-se no meio de tantas futilidades, sendo a sociedade um contexto pedagógico no qual, a todo instante, estamos aprendendo?

A educação dos homens deve ser trabalhada no sentido de identificar as necessidades da criança, deve fazer frente às suas atitudes e necessita mostrar a mesma através da experiência: o que deveria ser realizado perante as diversas situações, colocado na obra *Emílio*, como por exemplo, no episódio em que criança quebrou o vidro.

> [...] ele quebra as janelas de seu quarto; deixai que o vento sopre sobre ele a noite e dia sem vos preocupardes com o resfriado, pois é melhor que ele esteja resfriado do que louco. Nunca vos queixeis dos incômodos que ele vos causa, mas fazei com que seja o primeiro a senti-los. Por fim, mandai repor os vidros sem dizer nada. Quebra-os mais uma vez? Mudai, então, de método dizei-lhe secamente, mas sem cólera: as janelas são minhas, foram postas ali por ordem minha, e eu quero protegê-las. Depois vós o trancareis no escuro, num lugar sem janelas. Diante desse novo procedimento, ele começa por gritar, por trovejar; ninguém o escuta. Logo ele se cansa e muda de tom. Queixa-se e geme; um doméstico aparece, o rebelde, pede-lhe que o solte. Sem procurar pretexto para nada fazer, o doméstico responde: tenho também vidros para conservar, e vai embora finalmente, depois que a criança tiver ficado ali por várias horas, tempo bastante para se aborrecer e para não esquecer, alguém lhe sugerirá que vós proponha um acordo por meio do qual vós lhe restituireis a liberdade e ela não quebraria mais vidros. Ela aceitará. Pedirá que ides vê-la, e vós ireis; far-vos-á sua resposta e vós a aceitareis imediatamente, dizendo-lhe: muito bem. Pensado; nós dois lucraremos com isso; porque não tivesse essa ideia antes? E depois, sem lhe pedir nem declaração, nem confirmação de sua promessa, vós a beijareis com alegria e a conduzireis imediatamente até seu quarto, encarando esse acordo como sagrado e inviolável, tanto quanto se tivesse sido jurado. Que ideia pensais que a criança terá desse caso, sobre a fé dos compromissos e sobre a sua utilidade? Estarei enganado se houver na terra uma só criança, ainda não mimada, inabalável diante desse procedimento e que resolva depois disso quebrar uma janela de propósito (ROUSSEAU, 2004, p.107).

O aluno passa a identificar que seu ato viria a prejudicar a ele próprio. A educação pelas coisas é proposta para que a criança identifique a importância do agir correto dispensando o discurso por parte do adulto, mas sempre tendo firmeza e paciência para que a criança entenda a repercussão do seu ato. Para Rousseau, a criança vai saber o que é passar frio se senti-lo, pois quando estiver ao ar livre e sentir frio vai buscar abrigo. Devemos proporcionar momentos de desafios, de disputa, pois assim as crianças vão percebendo o próprio corpo; E que ela o faça por si mesmo e não o adulto, a este cabe conduzi-la. Para Rousseau, as crianças

são grandes imitadoras e, então, para trabalhar a flexibilidade da mão e a de um olho certeiro, é importante ela desenhar sempre algo ligado à natureza e aos objetos aos quais convive e não algo imposto pelo adulto, pois trabalhando em contato com os objetos, ela estará observando as proporções e não apenas copiando um desenho do papel ou sendo mero reprodutor de algo pronto[17].

> Respeitai a infância e não vos apresseis em julgá-la, quer para o bem, quer para o mal. Deixai as exceções se revelarem, se provarem, se confirmarem muito tempo antes de adotar para elas métodos particulares. Deixai a natureza agir bastante tempo antes de resolver agir em seu lugar, temendo contrariar suas operações. Dizeis que conheceis o valor do tempo e não quereis perdê-lo. Não vedes que o perdeis muito mais empregando-o mal do que não fazendo nada, e que uma criança mal instruída está mais distante da sabedoria do que aquela que não foi absolutamente instruída? Ficais alarmados por vê-la consumir seus primeiros anos sem nada fazer. Como! Não é nada ser feliz? Não é nada saltar, brincar, correr o dia todo? Em toda a sua vida, nunca estará tão ocupada. Platão, em sua República, considerada tão austera, só educa as crianças em festas, jogos, canções, passatempos; dir-se-ia que ele terminou quando lhes ensinou a se divertirem bem, e Sêneca, falando da antiga juventude romana, disse: ela estava sempre de pé; não lhe ensinavam nada que ela devesse aprender sentada (ROUSSEAU, 2004, p.119).

O aprender pela experiência é altamente relevante na teoria rousseauniana, pois o autor mantinha a esperança de que o homem pudesse reformar a sociedade com sua mudança de hábitos. Em sua opinião, a educação estava diretamente ligada ao conjunto de fatores adversos e obstáculos, como, por exemplo. participar de competições, saltar, jogar, situações em que o jovem discípulo pudesse vencer. Aprenderá a equilibrar suas forças ou faculdades e os seus desejos, porque, segundo Rousseau, uma das razões da infelicidade humana é ter muitas necessidades e desejos e não ter forças para satisfazê-los. Temos que ter consciência do mundo real que está ao nosso alcance e não viver no mundo imaginário que vai nos trazer sofrimento, pois vivendo da imaginação e de quimeras, iremos sempre ir ao encontro da infelicidade uma vez que estaremos sempre querendo adquirir bens que, no mundo capitalista, são infinitos.

[17] Ainda no que tange à questão do desenho, Rousseau afirma que é necessário evitar que a criança faça imitações das imitações. Segundo palavras do autor: "[...] quero que ele tenha como único mestre a natureza e como modelos os objetos. Quero que ele tenha diante dos olhos o próprio original e não o papel que o representa, que ele rabisque uma casa diante de uma casa, uma árvore diante de uma árvore, um homem diante de um homem para que se acostume a bem observar os corpos e suas aparências, e não a tomar imitações falsas e convencionais por verdadeiras imitações. Farei mesmo com que ele não desenhe nada de memória, na ausência dos objetos, até que, através dos objetos freqüentes, suas figuras exatas imprimam-se com força em sua imaginação, pois temo que, trocando a verdade das coisas por figuras bizarras e fantásticas, ele perca o conhecimento das proporções e o gosto pelas belezas da natureza" (ROUSSEAU, 2004, p. 178-179).

> O mundo real tem seus limites, o mundo imaginário é infinito. Já que não podemos ampliar o primeiro, reduzamos o segundo, pois é unicamente da diferença entre eles que nascem todos os sofrimentos que nos tornam realmente infelizes. Com exceção da força, da saúde, do bom testemunho de si, todos os bens desta vida consistem na opinião; com exceção das dores do corpo e dos remorsos da consciência, todos os nossos males são imaginários. Esse princípio é comum, dirão; concordo, mas a sua aplicação prática não é comum, e aqui se trata unicamente da prática (ROUSSEAU, 2004, p. 75-76).

O homem, ao evoluir, foi também transformando seus valores, seus hábitos, seus sentimentos e, muitas definições acabaram por perder seu real sentido e ficaram apenas escondidas no dicionário, abandonadas pelas exigências da vida moderna. Infelizmente, alguns conceitos importantes não foram apenas atualizados para os dias de hoje, mas também sofreram distorções e perderam-se nesta selva de egoísmo e intolerância, que vivenciamos nas grandes metrópoles. Rousseau (2004) já alertara quanto a isso no *Emílio*, quando aconselhava seu pupilo a viajar, sem entretanto, deixar-se corromper pelos maus costumes que a metrópole pode oferecer: “É sempre nas capitais que o sangue humano se vende mais barato” (p. 671).

O presente momento é preocupante, tendo em vista a maneira como os jovens são instigados a entrar no mundo consumista. Há um cem número de apelos feitos pela mídia, em geral, para que o jovem conforme-se com sua condição de maximizador de utilidades. O consumismo exagerado que o indivíduo vem, através de várias maneiras, praticando e que subverte seu relacionamento com o mercado, desemboca em atos que acabam por trazer-lhe malefícios individuais, ambientais, sociais, econômicos e psicológicos.

> Convém insistir: o mundo da economia e da sociedade, assim como o homem, são o produto da ação histórica do próprio homem. Assim, o inquietante panorama atual, (...) não constitui uma fatalidade histórica determinada pelo jogo de forças naturais. Ele resulta da multiplicidade de práticas históricas e é, ao mesmo tempo, fruto de reprodução do existente (valores, motivações) e da capacidade de criação do novo que é, por sua vez, patrimônio do homem como ser histórico e não apenas natural (PLASTINO, 2010, p. 46).

Todos nós buscamos alcançar aquilo a que se deu o nome de felicidade e que se constitui em etapas de nossa vida toda, não sendo permanente, nem eterna. E a educação pode auxiliar-nos a desfrutar desses momentos da melhor forma e a

descobrir o valor dessa conquista, como também a descobri-lo nas pequenas coisas, nos simples gestos que se transformam em grandes instantes de felicidade. Isto é a vida do ser pensante e inteligente que age no mundo social pensando em seu mundo natural.

> O papel da educação e da legislação em geral consiste, dentro desta perspectiva, na manutenção da inocência, na consolidação da confiança recíproca e no fortalecimento da boa vontade do indivíduo humano. Que jamais se perca a criança no homem e que jamais se queira antecipar o homem na criança é apenas a formulação negativa do princípio de que a natureza faz a sua parte e cabe ao homem fazer a dele (JOHN, 2000, p. 115).

Diante das palavras expressas sobre o que homem deve fazer perante sua natureza, Rousseau (2004, p. 74) vem esclarecer sobre a sabedoria humana ou o caminho da verdadeira felicidade:

> Em que, então, consiste a sabedoria humana ou o caminho da verdadeira felicidade? Não exatamente em diminuir nossos desejos, pois se eles estivessem abaixo de nossa potência, uma parte de nossas faculdades permaneceria ociosa, e não gozaríamos de todo o nosso ser. Também não consiste em ampliar nossas faculdades, pois se nossos desejos ao mesmo tempo se ampliassem em maior proporção, tornar-nos-íamos mais miseráveis. Trata-se, pois, de diminuir o excesso de desejos relativamente às faculdades, e de igualar perfeitamente a potência e a vontade.

A felicidade é algo relativo de ser para ser. O que um procura pode não ter importância nenhuma para o outro. Portanto, felicidade é um estado de espírito que nos envolve em determinados momentos, que vão e voltam. Temos que saber é conciliar a nossa potência com a vontade e não querer além do que somos capazes. Analisando o fato de que a felicidade depende do próprio sujeito, de sua ação e da dimensão que o verbo *formar* nos dá, constatamos, juntamente com Rousseau que a essência da felicidade está na natureza. A felicidade é, antes de tudo, natural e está na apreensão da sensibilidade tanto física como moral do sujeito, mas é uma felicidade inocente.

É através do autor iluminista que busco explicar e analisar os temores que tenho com os rumos que a racionalidade do consumo toma quando negligencia aspectos da cultura, por exemplo. No início (preâmbulo) de sua obra pedagógica *Emílio ou da Educação*, Rousseau afirma sua desconfiança com relação à

sociabilidade: “Tudo está bem quando sai das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem” (ROUSSEAU, 2004, p. 7).

Na atualidade, observo que o *marketing* trabalha em prol de somente vender e o consumidor esquece de se perguntar sobre a necessidade de aquisição desse ou daquele produto. Tendo em vista este aspecto, observo que o homem fica cego[18], adquire produtos ou serviços que, como dizemos, estão na moda. Na atualidade, o homem pensa que sabe e pode tudo, porque possui capital para viver a mercê de uma sociedade capitalista, mas esquece que existem outros seres na natureza, tanto semelhantes a ele como uma flora e fauna a conservar, que ele está deixando de olhar e que, a cada dia, mostra e pede socorro através de tempestades, inundações, de tornados que são decorrentes do desmatamento, da poluição das fábricas que produzem todos produtos que, cada vez mais, são consumidos pelos jovens na busca do prazer. Eis o ponto onde reside, a importância de pensarmos na formação do sujeito como um ser capaz de refletir sobre seus atos, onde se insere o processo educativo e a capacidade de aprender do ser humano no contexto moderno.

A maneira como vou olhar os acontecimentos, de que maneira vou interpretar o que estou ouvindo, como utilizar o tato para manusear os instrumentos do dia-a-dia sem deixar-me contaminar pela visão do mercado consumidor que encanta com propostas que o fazem adquirir produtos que não são prioridades. Bauman (2008) também contribui com a discussão afirmando que:

> O fetichismo da subjetividade, tal como, antes dele, o fetichismo da mercadoria, baseia-se numa mentira, e assim é pela mesma razão de seu predecessor – ainda que as duas variedades de fetichismo centralizem duas operações encobertas em lados opostos da dialética sujeito-objeto entrando na condição existencial humana. Ambas as variações tropeçam e caem diante do mesmo obstáculo: teimosia do sujeito humano, que resiste bravamente às repetidas tentativas de objetificá-lo (p.30).

A humanidade precisa rever conceitos, pois vivemos em uma sociedade em que os valores estão sendo invertidos. No modelo capitalista, com os olhos vendados deixa-se para mais tarde olhar o outro, com respeito à diferença, com amor e ética, uma vez que tem-se a preocupação em possuir, através do consumo

[18] “Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem” (SARAMAGO, 1995, p. 310). É dessa forma que a mulher do médico, personagem de Saramago, resume o modo como vivemos nosso tempo.

supérfluo, objetos para satisfazer as necessidades de auto-estima, ou seja, o desejo ardente de apropriar-se, cada vez mais, dos bens que a natureza oferece para atingir nossos ideais, mesmo sabendo que não é uma necessidade básica. Chegamos ao ponto de, enquanto humanidade, termos que analisar o verdadeiro propósito da nossa existência em relação ao mundo. Estamos, na ânsia da obtenção da propriedade, poluindo nosso *habitat natural* através da industrialização desenfreada: colocamos resíduos químicos na água, a cada segundo, descartamos pilhas, baterias de celulares e carcaças de aparelhos tecnológicos nos lixões que vêm retornar para os seres humanos em forma de enchentes, alimentos contaminados, epidemias e tantas outras situações adversas que levam o homem à morte.

> Ó homem, de qualquer região que sejas, quaisquer que sejam tuas opiniões, escuta: aqui está tua história, tal como acreditei lê-la, não nos livros de teus semelhantes, que são mentirosos, mas na natureza, que não mente nunca. Tudo o que dela vier será verdadeiro; de falso só haverá o que eu tiver introduzido por minha conta, sem o querer. Os tempos de que vou falar são bem remotos. Como mudaste daquilo que eras! É, por assim dizer, a vida de tua espécie que vou descrever segundo as qualidades que recebeste, que tua educação e teus hábitos puderam depravar, mas que não puderam destruir. Há, eu sinto, uma idade na qual o homem individual desejaria parar. Tu procurarás a idade na qual desejarias que tua espécie tivesse parado. Descontente com teu estado atual por razões que anunciam à tua posteridade infeliz maiores descontentamentos ainda, talvez quisesses retrogredir e esse sentimento deve constituir o elogio de teus primeiros ancestrais, a crítica de teus contemporâneos e o espanto daqueles que tiveram a infelicidade de viver depois de ti (ROUSSEAU, 2007, p. 31).

Atualmente, é hora de parar, analisar e perguntar: *Quem sou? Onde vivo? Que contribuição tenho dado para minha comunidade? O que posso mudar? Quem posso ajudar? Quando olho em volta, reflito sobre todas as minha atitudes?* É como se remontássemos as três questões da filosofia kantiana[19] e as ampliássemos a fim de remanejarmos nossa conduta ética. Freire (2010) nos mostra a importância da tarefa docente em relação à ética e a responsabilidade quanto educadores para a formação, para a prática educativa:

[19] Stein (2002, p. 150-151) afirma que para Kant: “As áreas tradicionais da interrogação filosófica ele as resume em três perguntas. Estas são postas a partir do homem. Por isso, torna-se necessária uma quarta pergunta, onde seria gerada a resposta possível às três primeiras. Para Kant, a razão se interessa necessariamente por três questões: - Que posso saber? – Que devo fazer? – Em que me é permitido crer? A resposta a estas três questões depende de uma quarta: - Que é o homem?”.

> Gostaria, por outro lado, de sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente. Sublinhar esta responsabilidade igualmente àquelas e àqueles que se acham em formação para exercê-la. Este pequeno livro se encontra cortado ou permeado em sua totalidade pelo sentido da necessária eticidade que conota expressivamente a natureza da prática educativa, enquanto prática formadora. Educadores e educandos não podemos, na verdade, escapar à rigorosidade ética. Mas é preciso deixar claro que a ética da que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro (p.15).

O ser humano necessita analisar qual o objetivo do tão procurado desenvolvimento, para que serve e aonde quer chegar para, então, dar um novo sentido ao processo educacional. Rodrigues (1999) vem contribuir nos fazendo pensar sobre a educação das crianças, seus desejos e que relação o adulto deve ter com esse processo de formação.

> "É necessário educar a criança para ser forte, e ser forte é ser senhor das próprias forças. O homem livre é forte porque faz o que pode e o que deseja, isto é, sabe desejar o que pode. Por isto o homem adulto é mais forte do que a criança, pois o adulto basta a si mesmo. As crianças são fracas porque desejam mais do que lhes permitem suas forças. Isto é desejam o que não podem realizar. E isto se dá porque sua vontade não se encontra disciplinada e integrada com sua capacidade de agir. Logo educar é formá-la para ser forte, e ser forte é ser moderado e reconhecer o equilíbrio que deve haver entre o que quer e o que pode disciplinar a sua própria natureza moderando os seus desejos, desenvolvendo a prudência, o senso de justiça e a capacidade para atuar no mundo humano. Eis valores que não devem ser olvidados pelos que assumem a tarefa de formar homens e não, simplesmente, de treinar indivíduos para realizar tarefas que lhes são atribuídas à margem de suas próprias vontades" (p.96).

A educação, no plano concreto, não acontece de modo isolado, anterior ou posterior aos demais fenômenos, como o econômico, o social, o cultural, etc. Vida e educação se entrelaçam, se fundem, se confundem, estão relacionados à condição humana pois conforme alerta Rousseau "a parteira põe no mundo, a ama cria, o pedagogo forma, o mestre ensina" (2004, p. 15). E então, a educação está relacionada a saber buscar solucionar os males que a vida nos oferece como desafios, pois fazermos parte de uma sociedade e dentro desta existem vários momentos ligados à educação, à formação, mas temos que buscar as oportunidades e não esperar por elas, como Rousseau coloca nosso estudo é condição humana, então é a busca constante do ser em conhecer e aperfeiçoar recursos para vencer os obstáculos impostos pela sociedade.

> Nosso verdadeiro estudo é o da condição humana. Aquele de nós que melhor souber suportar os bens e os males desta vida é, para mim, o mais bem educado; donde se segue que a verdadeira educação consiste menos em preceitos do que em exercícios. Começamos a nos instruir quando começamos a viver; nossa educação começa junto conosco; nosso primeiro preceptor é a nossa ama-de-leite. Assim a palavra *educação* tinha entre os antigos um sentido diferente, que já não lhe damos: significa alimentação. *Educit obstetrix*, diz: Varrão; *educat nutrix, instituit paedagogus, docet magister.* A educação, a formação e a instrução, portanto, são três coisas tão diferentes no que se refere ao seu objeto quanto a governanta, o preceptor e o professor. Estas distinções, porém não são bem compreendidas e, para ser bem dirigida, a criança deve seguir um só guia (ROUSSEAU, 2004, p. 15).

O sujeito é capaz de aplicar o que aprendeu em situações concretas, pois o ser humano está em permanente contato com seus semelhantes, com o mundo que exige dele o raciocínio crítico frente à tomada de decisões. O conhecimento não é um objeto que podemos manipular e domesticar conforme ideais que uma sociedade elitizada requer, mas é um processo de invenção e reinvenção. As inferências feitas da premissa semeada nos escritos de Rousseau de que o homem nasce bom, mas a sociedade o perverte e, tendo em vista as palavras de Dozol (2006, p.31), quando afirma que a "reforma idealizada por Rousseau é orientada por uma ideia central, qual seja a de que o Homem é bom por natureza, mas a sociedade o corrompe", é necessário analisar o que está levando este sujeito naturalmente bom a se deixar dominar pela ganância, pelo egoísmo, pelo consumismo. Será insatisfação, insegurança, solidão, desamor? Onde estará a raiz desse problema e quando ele começou? Será que a humanidade, desde o tempo das cavernas, já começava a manifestar esses desejos consumistas? Como podemos, a partir dessas constatações, ir para as soluções concretas e atitudes reais, que nos levem à sensatez de não sermos seres tão materialistas?

> O primeiro que, cercando um terreno, se lembrou de dizer: "Isto é meu" e encontrou pessoas bastante simples para o acreditar, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras, assassinatos, misérias e horrores não teriam sido poupados ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou tapando o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: "Não escutem esse impostor! Vocês estarão perdidos se esquecerem que os frutos são de todos e que a terra não é de ninguém!" (ROUSSEAU, 2007, p. 61).

Na constante busca do desenvolvimento pleno do ser, nos deparamos com o bem e o mal, ícones na condição humana, pois eles já nascem conosco. A educação é a responsável principal pelo rumo que vamos tomar nessa escolha. "A pedagogia

rousseauniana apela para uma vocação social, que se cumpre pelo aprendizado de uma liberdade do tipo moral, mediante a aquisição do sentimento e o exercício da razão" (Dozol, 2006, p. 87).

Rousseau em sua trajetória abordou temas ligados à educação, a fatores sociais, políticos e econômicos, sendo assim, pensava no homem em uma dimensão civil e natural na busca da formação do indivíduo desde seu nascimento através da educação natural até o homem como ser adulto, como um ser social, onde destaca que o homem vivendo em sociedade a cada instante procurou novas oportunidades para satisfazer-se, surgindo assim à ganância, crimes, a exploração dos seres humanos, onde os mais humildes foram subjugados a tarefas para satisfazerem os mais abastados.

O ser humano necessita saber fazer suas escolhas para que não venha a decepcionar-se mais tarde ou iludir-se com uma sociedade que está no *faz de conta*, que prioriza muito mais o florescimento da razão do que o desenvolvimento do sentimento e da consciência. Acontece, por vezes, que deixamos nossos deveres de lado, esquecemo-nos dos que estão a nossa volta e abdicamos de respeitar a natureza, inclusive. Natureza da qual, se soubermos cuidar, preservar, colheremos bons frutos. Por outro lado, a desrespeitando, estaremos sujeitos a desgraças naturais, tempestades, furações, terremotos por não darmos o devido valor às coisas que nos foram ofertadas. Em relação às pessoas com quem convivemos, também, é necessário valorizá-las como sujeitos que são, capazes de fazer a sua história, com a liberdade de escolha. A busca da racionalidade nos encaminha a preservar a bondade, a justiça, as virtudes e a compreender os fatos que nos rodeiam, não deixando que paixões desenfreadas nos levem à hipocrisia da sociedade capitalista. Pois o desenvolvimento está relacionado ao viver buscando posicionar-se perante os fatos, ao agir e às experiências vivenciadas.

No Livro II do *Emílio, Rousseau* dá ênfase à liberdade que é proporcionada pela natureza, no desenvolvimento da força e do conhecimento, pois neste processo o indivíduo toma consciência de si mesmo, constrói sua identidade e, no momento em que ele precisar levantar-se por si mesmo, estará curando-se dos machucados, por estar trabalhando a autoconfiança de ter vencido sozinho suas dificuldades e não ter carecido recorrer aos outros para solucionar o que pode resolver por si mesmo, através de sua capacidade de pensar. Também nessa etapa, a da primeira infância, o autor afirma que devemos considerar o mundo real e não somente o

imaginário pois é, segundo ele, com este que nasce o sofrimento; é importante deixar a criança agir, ver suas potencialidades, suas forças perante as dificuldades, pois neste momento, ela vai tomando consciência de si e do que ela é capaz de realizar. Neste sentido, é que concordamos com aqueles que afirmam que na teoria rousseauniana acontece a primazia da formação geral e humana sobre a educação especializada. Por isso, Rousseau não preparará o Emílio para esta ou aquela ocupação ou profissão, preparará, antes de tudo, para a condição de homem.

> Outro progresso torna a queixa menos necessária às crianças: é o de suas forças. Podendo mais por si mesmas, precisam com menos frequência recorrer aos outros. Junto com a força, desenvolve-se o conhecimento, que as põe em condições de dirigi-la. É nesse segundo grau que propriamente começa a vida do individuo; é então que ele toma consciência de si mesmo. A memória amplia o sentimento da identidade para todos os momentos de sua existência; ele se torna verdadeiramente uno, o mesmo e, por conseguinte, já capaz de felicidade e de miséria. Portanto, é importante começar a considerá-lo agora como um ser moral (ROUSSEAU, 2004, p. 71).

A importância de respeitar o saber, o conhecimento a cada etapa da vida da criança está, mais uma vez, enfatizado que nada deve ser antecipado à curiosidade do aluno, mesmo no processo de educação familiar ou no processo de formação humana, pois tudo tem seu tempo, e este tempo deve ser utilizado através do exemplo do educador, da observância de restrições e da prática das virtudes. “Compreendido desse modo, não há que formar o que já se encontra formado pela obra do Criador; o que é preciso é formar o homem para que conserve ou preserve aquilo que recebeu da natureza e de Deus” (DOZOL, 2006, p. 57).

A busca da liberdade do homem, tanto em um processo de retorno à natureza, defendido por Rousseau, ou quanto à liberdade, como processo na busca da autoestima, da ética e da valorização do sujeito são preocupações do autor. É inegável que o sujeito de Rousseau, pela educação, pode tornar-se um ser capaz de modificar sua realidade como um ser pensante que reflete sobre si mesmo e sobre seu tempo. Rousseau chama atenção para a circunstância em que a sociedade perverte o homem:

> Concebo na espécie humana duas espécies de desigualdade. Uma que chamam de natural ou física, porque é estabelecida pela natureza e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito ou da alma. A outra, que pode ser chamada de desigualdade moral ou política porque depende de uma espécie de

> convenção e que é estabelecida ou pelo menos autorizada pelo consentimento dos homens. Esta consiste nos diferentes privilégios de que gozam alguns em prejuízos dos outros, como ser mais ricos, mais honrados, mais poderosos do que os outros ou mesmo fazer-se obedecer por eles (ROUSSEAU, 2007, p. 29).

Assim, Rousseau afirma que a desigualdade entre os homens começa nos privilégios, quando uns gozam de regalias e os pobres são sujeitos à má alimentação, quando acontece o excesso de ociosidade de alguns e sobrecarga de trabalho para a maioria. Então, ao se tornar sociável, o homem carrega consigo a escravidão, torna-se fraco e, com o tempo, perde sua forma e coragem de lutar contra a opressão. Na busca pela civilização, o homem encontrou a desigualdade, pois, em seu estado natural, não tinha preocupação com a cobiça, com a possessividade e o egoísmo. Rousseau acredita na natureza humana e defende o humanismo do homem, desde que os mesmos valorizem suas potencialidades naturais e que a educação dê ênfase à bondade natural do indivíduo, ou seja, à sua realidade, às suas experiências. Sugere que, através de motivações naturais, o aluno vá reconhecendo a sua realidade, vá transformando a sua *práxis* e esteja consciente da importância de aplicar o conhecimento adquirido. Então a tarefa da Filosofia na hodiernidade é dar um novo olhar e trabalhar com a diversidade de manifestações que apresentam-se, sempre partindo da realidade. Mühl (2003, p. 69) afirma:

> A tarefa da filosofia atual consiste em delimitar uma concepção mínima de racionalidade e de esclarecer as confusões que determinadas concepções de conhecimento - inclusive dela própria - têm provocado na humanidade. Compete-lhe o papel de buscar restabelecer a unidade da razão na diversidade de suas manifestações, não negando a multiplicidade das suas expressões. [...] Em outros termos, seu atributo é esclarecer os fundamentos racionais do agir, do pensar e do falar humano, explicitando o telos emancipatório que se mantém presente em todo que fazer dos indivíduos, e mediar a cultura dos especialistas com o mundo da vida.

Hoje, nós entendemos a educação a partir da certeza de que um ser humano aprende na interação. Tanto ele imprime a sua marca no mundo, quanto o mundo influencia na sua formação. A aprendizagem acontece junto com o desenvolvimento do ser humano. Portanto, entendemos que a educação tem que ser dialógica/interativa e precisa partir do pressuposto de que o ser humano vem de uma série de influências, que vem com uma cultura para dentro da escola. A escola,

por sua vez, terá de dialogar com essa cultura para a construção de novos conhecimentos.

2.2 Processos formativos e a escola: o ato educativo, a criança e o mestre no quadro da filosofia da educação rousseauniana

"Grande e belo espetáculo
é ver o homem sair, por assim dizer,
do nada por seus próprios esforços;
dissipar, com as luzes da razão,
as trevas em que a natureza o envolvera;
elevar-se acima de si mesmo;
lançar-se pelo espírito até as regiões celestiais;
percorrer a passo de gigante, assim como o sol,
a vasta extensão do universo;
e, o que é ainda maior e mais difícil,
voltar-se para dentro de si mesmo,
a fim de ali estudar o homem
e conhecer a sua natureza,
seus deveres e seu fim.
Todas estas maravilhas se renovam
há poucas gerações".

ROUSSEAU (2010 p. 21).

Uma das diretrizes relevantes para entendermos a educação que vem a contribuir com a formação humana, na atualidade, é a necessidade de buscar contribuições do passado, a fim de estabelecermos uma relação que nos ajude a repensar e a refletir sobre as mudanças ocorridas. Essas mudanças fazem parte de um processo histórico, que vêm interferir em nossos costumes, se levarmos em conta que aquilo que aprendemos é através dos nossos antepassados.

É inegável que a educação e a formação alimentam-se dos elementos da tradição e admitirmos isto não significa sermos conservadores; antes, significa sermos coerentes com a ideia de que os processos formativos vão se constituindo na história.

> Educação é o processo integral de formação humana, pois cada ser humano ao nascer necessita receber uma nova condição para poder existir no mundo da cultura. Esse processo inclui a aquisição de produtos que fazem parte da herança civilizatória e que concorreram para que os limites da natureza sejam transpostos. Entre eles se colocam os conhecimentos

> racionais que promoveram o desenvolvimento científico e cultural da humanidade, e a consciência de que o ser humano é o próprio produtor das condições de reprodução de sua vida e das formas sociais de sua organização e devem ser orientadas pelos princípios da solidariedade, do reconhecimento do valor das individualidades, respeito às diferenças, e pela disciplina das vontades. O Ser Humano, por não receber qualquer determinação por natureza, pode construir o seu modo de vida tendo por base a liberdade da vontade, a autonomia para organizar os modos de existência e a responsabilidade pela direção de suas ações essa característica do ser humano constitui o fundamento da formação do sujeito ético (RODRIGUES, 2001 a, p. 232).

Abordando o contexto histórico do século XVIII, referente à filosofia, no qual o Iluminismo atribui o papel de investigação, da consciência de limites, de crítica às ciências e à cultura (principalmente na teoria rousseauniana), nos reportamos para a atualidade onde o ser humano clama por seu processo de humanização revitalizado. Urge dar um aval à existência humana em relação à sua formação, que atualmente é questionada nas instituições pelos profissionais ligados à área educativa.

De acordo com Gadotti (2005, p. 86):

> (...) Jean-Jacques Rousseau inaugurou uma nova era na história da educação. Rousseau resgata primordialmente a relação entre a educação e a política. Centraliza, pela primeira vez, o tema da infância na educação. A partir dele a criança não será mais considerada um adulto em miniatura; ela vive em um mundo próprio que é preciso compreender: o educador para educar deve fazer-se educando de seu educando; a criança nasce boa, o adulto, com sua falsa concepção da vida, é que perverte a criança.

Analisando o contexto histórico do século XVIII, no que se refere à filosofia, costumamos dizer que o tempo do Iluminismo (por si mesmo intitulado Século das Luzes) é um tempo que pensa a si próprio, que busca conhecer e aprofundar articulações filosóficas e científicas, com o homem no centro de suas preocupações. Em outras palavras, ao tempo do Iluminismo, é atribuído o papel de investigação, da consciência de limites, de crítica às ciências e às culturas. Ernst Cassirer (1994) nos ajuda a pensar sobre o Século XVIII, quando afirma que o “pensamento iluminista consegue sempre extravasar do quadro rígido do sistema e libertar-se, justamente nos espíritos mais fecundos e mais originais, da sua estrita disciplina” (p.13).

Assim, a filosofia não é um ornamento, não pode ser compreendida com meio de fácil compreensão, mas sim, um meio de análise que exige muita reflexão, enquanto as Ciências trabalham com a objetividade. Nessa perspectiva, somente o que é real ou comprovado será considerado válido. A filosofia, por sua vez, trabalha com o pensamento crítico e busca fundamentos para a explicação sobre o real,

busca compreender o sentido, as condições de possibilidade que envolvem e compreendem a totalidade do ser.

> Sei que a nossa filosofia, sempre fértil em máximas singulares, pretende, contra a experiência de todos os séculos, que o luxo faz o esplendor dos Estados; mas depois de ter-se esquecido da necessidade das leis suntuárias, ousará ela negar também que os bons costumes não sejam essenciais à duração dos impérios e que o luxo não seja diametralmente oposto aos bons costumes? Que o luxo seja um sinal seguro de riquezas; que ele sirva, se quiserem, para multiplicá-las: que se haveria de concluir deste paradoxo tão digno de nascer em nossos tempos; e que será da virtude, quando tivermos de enriquecer a qualquer preço? Os políticos antigos falavam sem cessar de costumes e de virtude: os nossos falam de comércio e de dinheiro (ROUSSEAU, 2010, p. 33).

A pergunta que não quer calar é sobre quais sujeitos estamos formando hoje, tendo em vista as atitudes que o ser humano vem tendo em relação a si mesmo e aos seus semelhantes. Temos que repensar a formação em relação ao que o homem possui como referência sobre ser humano, sobre o que seja humanizar-se, pois a formação é um processo humano, contínuo e deve ocorrer em prol da liberdade, das virtudes, do respeito e da razão. Segundo Marcondes (2010):

> O pressuposto básico do iluminismo é, portanto, que o homem, todos os homens, são dotados de uma *luz natural*, de uma *racionalidade* capaz de permitir que conheçam o real, e que ajam livre adequadamente para a realização de seus fins. A tarefa da Filosofia, da Ciência e da Educação é ,então, permitir que esta luz natural possa ser posta em prática, removendo-se os obstáculos que a impedem e promovendo o seu desenvolvimento. O iluminismo possui, portanto, um caráter pedagógico, enquanto projeto de formação do indivíduo, podendo ser visto também como herdeiro do humanismo inaugurado no Renascimento (século XVI) (p.25).

O processo histórico de desenvolvimento e de construção do sujeito como cidadão acontece, com certeza, também no espaço educativo-formal da escola, remetendo o professor ao compromisso político de formação dos seus educandos. E, considerando que a escola representa, antes de tudo, a força propulsora e ativadora de todo o processo educativo formal, é notável suas relações com as condições de participação social. O educador precisa ter consciência de seu papel, a fim de exercer a aplicação da prática educacional voltada para o desenvolvimento da cidadania. Aranha (2006) vem contribuir a respeito do que se espera do profissional da educação:

> [...] espera-se que o profissional da educação seja um sujeito crítico, reflexivo, um *intelectual transformador*, capaz de compreender o contexto

> social-econômico-político em que vive. Ou seja, não se deve confundir o intelectual com o especialista em alguma área do conhecimento, mas sim ter em mente que ele é o sujeito capaz de ter uma visão do todo, além de estar comprometido com a ética e a política. Que ele então esteja atento à intencionalidade de sua ação, questionando continuamente seu saber e agir, articulando o conhecimento sobre educação com sua práxis educativa, com flexibilidade para inventar caminhos quando a situação concreta exige soluções criativas. Enfim, que participe ativamente no propósito de emancipação humana (p.47).

Somos seres que admiramos, objetivamos, apreendemos, compreendemos e transformamos, pela ação-reflexão, a realidade; somos seres ativos, sujeitos de nossa existência. Transformarmo-nos em espectadores da realidade; receptáculos de informações e ordens, ou instrumentos manipuláveis, significa modificarmo-nos em objeto, em coisa.

> O homem não conhece, portanto, nada da coisa em si. Por isso, fica confinado ao conhecimento empírico e aos fundamentos deste conhecimento que, no entanto, já são um fato, cujo direito deve apenas ser comprovado. É por isso, afinal, que somente a primeira pergunta – que posso saber? – pode ser respondida pela razão. As outras duas são conteúdos da razão prática: que devo fazer?, em que me é permitido crer? (STEIN, 2002, p.153).

Um dos direitos básicos da criança é o de ter acesso a um conjunto de conhecimentos e bens culturais. A posse desse conhecimento aparece, cada vez mais, como o qualitativo essencial para a inclusão dos indivíduos na sociedade e no processo produtivo. Num sistema democrático, esperamos que o conteúdo deste aprendizado apresente um perfil crítico e pluralista, onde o aluno não receba apenas uma carga adequada de informações factuais e técnicas, mas contribua para a elaboração desse conteúdo, através da bagagem cultural e étnica que traz consigo. É preciso investir nas diferenças, levando em consideração a pluralidade de origens, filosofias e valores de cada um. Temos que exaltar o bom, o correto, as qualidades do ser humano para que este alcance um patamar de formação qualitativa.

No Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8060 de 13 de Julho de 1990, no artigo 4º faz referência:

> [...] é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Ao educando, todos devemos respeito, o que significa dizer que precisamos conhecer sua realidade a fim de realizar uma reflexão sobre aquilo que necessita para alcançar seus objetivos, aqueles que o levaram à escola. O aluno precisa sentir que a escola vai mudar algo no seu cotidiano, precisa compreender, que através da escola, vai ter sua condição de sujeito aprimorada, terá condições de saber ouvir e decidir o que é melhor para a trajetória de sua formação. Ao educador comprometido cabe potencializar o diálogo e colaborar para com a formação da identidade cultural do aluno. A educação é o instrumento do qual o aluno dispõe para buscar a emancipação, para buscar resolver as problemáticas sociais de sua realidade, de sua história, de seu tempo.

> Ensinar é comprometer-se com o outro e a inclusão escolar desafia uma mudança de atitude diante deste outro, esse que não é mais um indivíduo qualquer, e sim alguém que é essencial para a construção da sociedade que queremos formar (NASCIMENTO, 2007, p. 6).

Não basta formarmos médicos, advogados, professores com um profundo conhecimento técnico, sem que apreendam, em primeiro lugar, o aspecto humanístico e social, pois esses farão dele um ser a serviço da humanidade. Isto é socialização: a união dos vários segmentos em busca do bem comum, e a escola é o centro de onde partem todos esses segmentos; portanto, é ela quem deve buscar esses caminhos.

Cabe à escola buscar construir relações de confiança para que a criança possa perceber-se e viver, antes de mais nada, como ser em formação, e para que a manifestação de suas características culturais partilhe com seu grupo de origem e possa ser trabalhada como parte de suas circunstâncias de vida, e que não seja impeditiva do desenvolvimento de suas potencialidades pessoais, observando que cada aluno desenvolve-se no processo ensino-aprendizagem dentro do seu processo próprio, mais lento, ou mais rápido dependendo da situação, mas todo ser humano pode ser digno de respeito na busca de seu conhecimento e na busca da sua auto realização. A educação não se reduz a métodos de ensino e nem somente ao ambiente escolar. Nesse sentido, a formação humana acontece em todos ambientes de inserção do sujeito, desde o seu nascimento na educação familiar até as instituições escolares conciliando formação e conhecimento.

> As relações humanas educam. A prática pedagógica não pode ser negadora do discurso e deve entender quão importante é a educação pelo exemplo. A Educação Cidadã e integral deve, portanto, testemunhar o discurso que profere, vivenciando a cidadania, a democracia, a autonomia, a participação, a pesquisa, a leitura, o diálogo, as práticas sustentáveis, seja nos espaços formais, seja nos espaços não formais (ANTUNES; PADILHA, 2010, p. 45).

.

A educação está inserida em um contexto social, sua qualidade e eficiência dependem da relação com esse contexto. Rousseau defende que o aluno deve, em primeiro lugar, desenvolver plenamente o seu "eu" natural. E o educador deve ter sempre em mente o contexto social. Nesse sentido, o autor destaca que o horizonte de compreensão da bondade natural deve ser estimulado. Para Streck (2008, p. 77): "Em Rousseau, a sociedade como um todo se torna um contexto pedagógico". Preciso observar o movimento em que se encontra a sociedade, envolver a parte educacional nesse movimento, contextualizá-la para que a busca por soluções esteja relacionada à necessidade real. A família precisa despertar para educar os filhos com deveres, normas e consciência social para descobrirem os seus direitos. O potencial de direitos que vamos adquirindo tem a ver diretamente com os deveres que angariamos, e construir uma sociedade humanizada e humanizante passa pela compreensão que temos de humanidade.

Busco mostrar que, na atualidade, o ser humano clama por limites, por valores, por consciência para preservar o meio ambiente, acredito ser urgente haver um momento de avaliação da existência humana em relação à formação dos sujeitos, que atualmente é questionada nas instituições pelos profissionais ligados à área educativa através da pergunta sobre que sujeitos estamos formando hoje. Tendo em vista as atitudes que o ser humano vem tendo, em relação a si mesmo e aos seus semelhantes, notamos ser necessário repensar a formação em relação ao que a humanidade tem como referência de ser humano. Preliminarmente, temos a pretensão de que a formação seja um processo contínuo, de busca da liberdade, recuperação das virtudes, do respeito, da razão de ser do homem.

O indivíduo é um ser pensante desde o início de sua vida. Assim, para cada idade, existe um tipo de educação própria. "[...] a educação do homem começa com o nascimento; antes de falar, antes de ouvir, ele já se instrui. A experiência antecipa as lições; no momento em que conhece sua ama-de-leite, ela já descobriu muitas coisas" (ROUSSEAU, 2004, p. 48).

Nesse processo de desvelamento dos estágios de aprendizagem das crianças, é importante prestar-se atenção à educação dos sentidos e do corpo para que o aluno comece a reconhecer-se perante a si e aos outros. O aprimoramento de este ser depende do seu convívio social e, principalmente, de sua educação, que deve abranger um caráter amplo e complexo, dentro das condições sociais e históricas reais. Biaggio (2006, p. 23-24) contribui sobre os estágios de aprendizagem:

> [...] estágios são o sensório-motor, o pré-operacional, o de operações concretas e o de operações formais. No estágio sensório-motor, aproximadamente durante os dois primeiros anos de vida, a inteligência da criança manifesta-se por meio da exercitação dos órgãos sensoriais e dos aspectos motores, com suas coordenações. Adquiri a criança as noções de distância, profundidade, a integração entre os sons e visão, relações de causalidade e outras habilidades [...] O estágio pré-operacional (aproximadamente dos 2 aos 6 anos) caracteriza-se pelo desenvolvimento da linguagem e do simbolismo, pela ausência da noção de conservação [....] O período concreto (aproximadamente dos 7 aos 12 anos) marca o início do pensamento lógico, bem que ainda no nível concreto. A criança é capaz de raciocinar logicamente se tiver o apoio de objetos concretos, por exemplo, coloca em ordem bonecas de diferentes alturas, porém ainda não compreende uma simbolização [...] O período das operações formais, a partir da adolescência, caracteriza-se pela possibilidade de capacidade de abstração, e do teste de hipóteses, tornando viável o raciocínio científico.

A educação é um processo dinâmico que deve levar o educando a buscar sua identidade, sua formação relacionada à disciplina, à instrução, à sua conservação, à liberdade. Destaco que a educação deve estar relacionada sempre com a busca de melhoria das condições de vida, pois fatos degradantes do presente não devem ser transferidos para o futuro. Ressalto também, que, cada vez mais, se faz necessária uma reflexão sobre o atual estado da espécie humana. Conforme Streck (2008, p. 24): “A educação, por isso, é um processo aberto. Conhecemos o ponto de partida de cada um, mas não sabemos o ponto de chegada. Este depende dos talentos, das oportunidades, do zelo e de outros fatores que favorecem ou obstaculizam o desenvolvimento”.

Enfocando a educação na atualidade, busco como educadora as ideias de Paulo Freire, certamente leitor de Rousseau, que parte do princípio de que o sujeito é capaz de mudar a sua realidade, através do diálogo, das descobertas da relação educador-educando, que ocorrem através da busca da significação dos significados. A pedagogia freiriana advoga que todos estamos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, onde o professor não é o detentor do conhecimento, mas ponto de

troca, que incentiva o aluno a analisar, a pensar, e o estimula a uma reflexão crítica da realidade com o propósito de buscar o diálogo.

> O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se "dispõe" a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente (FREIRE, 2010, p. 28).

A comunidade escolar deve ser esclarecida e deve buscar a melhoria dos projetos políticos pedagógicos, pois o sujeito é um ser pensante, capaz de agir para modificar a sua história. Sendo Freire um defensor da ética, do exemplo, das virtudes, da busca por respeito ao ser humano, expõe que o ensino dos conteúdos não pode estar alheio à formação moral, que não devemos divinizar a tecnologia e que a ciência deve ser pensada com profundidade e não superficialmente na compreensão dos fatos, para que não venha a contribuir de maneira negativa, como uma única verdade:

> O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega como falsa, a formula farisaica do "faça o que mando e não o que faço". Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo (FREIRE, 2010, p.34).

Tendo em vista a palavra *exemplo,* no Livro III do *Emílio*, Rousseau afirma que devemos afastar da mente do aluno todas as questões com as quais ele não tem necessidade de preocupar-se, por não ser de seu alcance dentro das relações sociais. Somente quando tivermos de relacionar as ideias ao conhecimento ocasionando assim, um encadeamento dos fatos, ligados sempre com o pensamento que o aluno deve realizar, deveremos trabalhar para buscar a razão de tudo. Nessa ocasião, a criança deverá observar para saber o porquê do realizado. "A pedagogia deve partir de uma natureza humana essencialmente boa, que, com o auxílio da razão dotará a criança de capacidade de julgamento, de moral" Muniz (1999, p. 246).

> Para tanto, trabalhai vós também, dai-lhe em toda a parte o exemplo; para torná-lo mestre, sede em toda a parte aprendiz, e podeis estar certo de que uma hora de trabalho ensinar-lhe-á mais coisas do que as que ele reteria de um dia de explicações (ROUSSEAU, 2004, p. 246).

A educação humanista está relacionada à tomada de consciência de que o que vale não é somente acumularmos novos conhecimentos e, sim, ter a humildade de saber reconhecer o que está à nossa volta, o outro, suas necessidades, como pensa e age. A educação humanista que outrora era seletista e formava alguns privilegiados, contemporaneamente, nos fornece elementos que podem contribuir para a formação de educandos e educadores. Cada um tem possibilidade de adquirir conhecimentos, mas podemos trocar ideias e também adquirir e transformar o pensamento conforme os exemplos visualizados, vivenciados ou também através de fatos que ouvimos por depoimentos e experiências no dia a dia. Estamos constantemente em movimento de procura, de saber mais, avaliando os saberes em busca de renová-los perante as exigências sociais.

> O que há de mais cruel ainda é que, como todos os progressos da espécie humana a afastam sem cessar de seu estado primitivo, quanto mais acumulamos novos conhecimentos tanto mais nos privamos dos meios de adquirir o mais importante de todos que consiste, num certo sentido, que à força de estudar o homem é que nos tornamos incapazes de conhecê-lo (ROUSSEAU, 2007, p. 24).

Frente a estas palavras de Rousseau, é necessário retomar novamente os questionamentos propostos pela filosofia kantiana (já apresentados anteriormente), visando lançar um olhar reflexivo sobre o processo de formação do homem na atualidade. Assim, perguntas sobre o que é possível saber, o que se deve saber e em que se deve crer potencializam produtiva discussão sobre *o que é o homem*.

Adentrando a perspectiva de Rousseau, por vezes, observa-se que quanto mais conhecimentos adquiridos, menor significado é dado à existência, pois os empregamos de maneira equivocada quando os estendemos ao consumismo, à sede de poder, ao excesso de produtos desnecessários a nossa sobrevivência e até mesmo ao lazer. Este consumismo ilimitado causa a extrema desigualdade na maneira de viver, onde alguns têm privilégios e outros gozam dos prejuízos daqueles, pois não “faltam os que julgam ser a riqueza o poder por excelência” (MENDONÇA, 2001, p. 13).

Rousseau traz a ideia do *homem selvagem*[20] em um patamar privilegiado e teoriza sobre o *homem natural*, que, com o deslumbramento pelas luzes, perdeu a essência em relação ao contexto social, envolvendo-se em uma multidão de paixões que vêm ao encontro da lei do mais forte, da dependência mútua pelas necessidades que os unem, os aspectos referentes à beleza física, – o mais belo, o mais forte. Nas horas de lazer, a valorização era dada a quem dançava melhor, e assim, as futilidades trouxeram a desigualdade e ocasionaram os vícios. Rousseau (2007) nos indica:

> Nada, ao contrário, tem sido mais miserável que o homem selvagem deslumbrado pelas luzes, atormentado pelas paixões e raciocinando sobre um estado diferente do seu. Foi por uma providência muito sábia que as faculdades que ele tinha em potencial só deviam desenvolver-se nas ocasiões em que podiam exercê-las, a fim de que não lhe fossem nem supérfluas e pesadas antes do tempo, nem tardias e inúteis a suas necessidades. Tinha no simples instinto tudo o de que necessitava para viver em estado de natureza e não tem, numa razão cultivada, senão o que lhe é necessário para viver em sociedade (p. 50).

Em seus conselhos ao aluno, no Livro IV, Rousseau menciona os vícios que brotam em uma sociedade que valoriza o comércio, o ter, o poder e que faz acontecer a desigualdade entre os homens; recomenda a Emílio observar bem os homens, por detrás da máscara que cada um carrega para escolher a quem confiar, pois nas multidões sempre há um ponto de interrogação sobre o que o indivíduo está pensando e sobre como ele utilizará este pensar, até mesmo para fazer pactos com os demais. É através da busca da igualdade que realmente o contrato social vigorará. Como Rousseau considera Emílio um ser preparado para analisar a situação, ele o aconselha a espelhar-se nele mesmo para, então, julgar seu próximo. Esta atitude mostra confiança na educação que foi desenvolvida nas fases anteriores em *Emílio*.

Referindo-nos a fatos políticos, observamos que se fala muito em virtudes e costumes, mas na prática o que existe são as trocas de favores e busca de dinheiro. A obra aponta, ainda, para o fato ou a questão sobre o que mais importa aos impérios: serem brilhantes e momentâneos ou virtuosos e duráveis? Quando é dito “brilhante”, tenho que observar que a real necessidade é no que se refere à

[20] “Bom selvagem” ou “selvagem” é como Rousseau denomina habitualmente o homem no estado de natureza, conforme caracterizado em seu discurso sobre a origem da desigualdade. Esse ser pacífico, inocente e sereno ocupa um lugar central em sua imaginação e em suas teses (DENT, 1996, p. 47).

honestidade e não a futilidades. Rousseau destaca também que a dissolução dos costumes, consequência necessária do luxo, acarreta, por sua vez, a corrupção do gosto.

Na última parte de *Emílio ou da Educação*, Livro V, o autor dá ênfase à idade da sabedoria e do casamento, das viagens, da educação sentimental e do estudo dos povos. Nessa etapa da vida, é mostrada a importância de cada indivíduo ter consciência dos parâmetros morais que devem nortear os pactos, para que, mais adiante, não encontre a infelicidade ao querer adquirir o que não está a seu alcance. Nas palavras de Duska e Whelan (1994):

> A educação moral deve ser igualada ao ensino de regras e do desenvolvimento do caráter, e se espera que se manifestem no comportamento expressivo através das virtudes tradicionalmente conhecidas e respeitadas, tais como a honestidade, a coragem, o controle de si mesmo, a solidariedade e o respeito ao próximo. A maior parte dos programas tinha como objetivo realçar essas virtudes, de modo que se tornassem princípios internos que orientassem o comportamento e as decisões a serem tomadas. Os meios para a realização de tal objetivo eram, fundamentalmente, os de confrontação entre o comportamento do adolescente e o exemplo dos adultos ou jovens maiores que tinham virtudes específicas, ilustrando estas virtudes, recompensando a prática e punindo a omissão das mesmas (p.17).

Um tal desprendimento e uma boa dose de disciplina são comportamentos aconselhados por Rousseau, na medida que vêm a contribuir para a formação do cidadão. Desde as ideias contemporâneas, podemos citar Ghiggi (2002) para corroborar o argumento com relação à disciplina:

> A disciplina, não raro, serve para inculcar nas crianças o respeito à ordem posta pela sociedade, estimular o exercício do hábito da conformidade às imposições e formar à obediência, submissão à autoridade e ao poder estabelecido (p.145).

São os limites que vão edificando a formação moral da criança, são balizas que atuam junto à sua imaginação e ajudam a discernir entre o que é supérfluo e desnecessário para o momento em que vive, pois estes são elementos que não contribuem para a melhoria de sua vida, conforme as possibilidades que apresentam-se perante seu trabalho, sua família, seu conhecimento e sua cultura.

Pontuo que Rousseau, pensador da época do Iluminismo, embora vivendo em outra época já refletisse sobre o futuro e pode hoje contribuir com nossas reflexões, tendo em vista que na pedagogia do *Emílio* valoriza a educação através

da natureza, ou seja, seu aluno não seria educado através de uma forma dogmática[21] mas, sim, a partir da necessidade. Cabe ao educando procurar, desejar aprender e ao educador colocar ao seu alcance os meios; e eis que a proposta de aprendizagem angariará um sabor todo especial porque partiu do educando. É por essa e outras razões que a obra de Rousseau nos empolga e nos faz repensar sobre as reais necessidades das crianças atualmente. A pergunta que a proposta pedagógica de Rousseau nos leva a fazer é se realmente ocorre uma formação integral conectada aos aspectos naturais, morais e políticos.

> A obra se apresentou de fato como um romance psicológico e como um manifesto educativo [...], mas ao mesmo tempo é um tratado de antropologia filosófica, enquanto expõe uma concepção precisa do homem natural, racional e moral, além do itinerário da sua formação, e um texto político relevante. O tema fundamental do Emílio consiste na teorização de uma educação do homem enquanto tal (e não do homem como cidadão) através de seu "retorno à natureza", ou seja, à centralidade das necessidades mais profundas e essenciais da criança, ao respeito pelos seus ritmos de crescimento e à valorização das características específicas da idade infantil (CAMBI, 1999, p. 345).

O homem nasce dentro de um processo individual e único; por isso, deve ser levado em conta o seu "eu" no processo de construção de suas ideias e o rumo que elas tomarão no futuro. Os valores que são passados de geração a geração podem ser adaptados a novas situações e realidades, mas não podem perder-se completamente, assim como os sentimentos. O amor, a ética, o bem, o mal e o senso crítico devem estar sempre presentes e ser vivenciados em qualquer época ou circunstância.

> Que me seja permitido citar um exemplo do qual deveriam ficar melhores traços e que estará sempre presente em meu coração. Não me vem à mente sem a mais doce emoção a memória do virtuoso cidadão de quem recebi a vida e que muitas vezes me entreteve a infância no respeito que era devido a vocês. Vejo-o ainda, vivendo do trabalho de suas mãos e nutrindo sua alma com as verdades mais sublimes. Vejo Tácito, Plutarco e Grotius, misturados diante dele com os instrumentos de seu ofício. Vejo a seu lado um filho querido, recebendo com muito poucos frutos as ternas instruções do melhor dos pais. Mas, se os desregramentos de uma louca juventude me fizeram esquecer durante algum tempo tão sábias lições, tenho a felicidade de experimentar enfim que, se alguma tendência se tem para o vício, é difícil que uma educação na qual entra o coração seja perdida para sempre (ROUSSEAU, 2007,p.18).

[21] Quando coloco que a educação do Emilio não seria de forma dogmática refiro-me a planejamento de conteúdos preestabelecidos, sem levar em consideração as necessidades da criança, como ocorre na escola tradicional, tornando assim uma lição tediosa já que não era planejada a partir da realidade da criança.

Embora seja um ser único, o homem também é social, isto é, vive em grupos, e estes nem sempre vêm ao encontro das ideias já construídas que traz em sua bagagem e, por isso, pode ocorrer à perda da identidade; seus valores podem extraviar-se e o domínio do geral e do global em detrimento dos princípios morais e éticos vinculados ao modelo de uma sociedade capitalista pode prevalecer. Segundo Streck (2008, p. 39):

> O problema dos livros é exatamente ensinar a falar de coisas que não se sabe. As “belas educações” não fazem mais do que criar “tagarelas”, gente que só sabe repetir palavras. A educação que faz sentido não é, por isso, uma educação das palavras, mas uma educação das coisas.

O aprender deve estar ligado a algo que inspira desejo, prazer, conecta-se ao errar para aprender com o erro, a fazer e refazer. Mas, para que todas essas etapas concretizem-se, deve ter alguém em quem o educando confie para que seja incentivado no processo educativo. Nas palavras de Garcia (2010, p. 64): “Aprender, reaprender constantemente, lançar a flecha para que o arco não desaprenda de vibrar. Aprender, reaprender, nesta constante formação do homem, educação!”. Por isso, a importância do papel do educador, pois a ele compete motivar o aluno a buscar respostas coerentes às questões que fazem parte de suas indagações. “Mestres, deixai os fingimentos, sede virtuosos e bons e que vossos exemplos se gravem na memória de vossos alunos, enquanto esperamos que possam entrar em seus corações” (ROUSSEAU, 2004, p. 113). O importante é que o aluno seja instigado a perseguir o caminho escolhido na busca do querer mais, pois o aprendizado humano não se detém somente no saber escolar e, sim, nas nossas escolhas, valores, ideais pelos quais sempre lutamos dentro da sociedade, objetivos de pessoas livres, responsáveis e éticas.

Identifica-se que o processo educativo deve relacionar os métodos com a exigência dos deveres, a partir da própria realidade do educando, da língua local e não daquelas que não se usa em parte alguma. As crianças devem falar e escrever o que sabem sobre o real significado das coisas, precisam compreender seu entorno, deve valorizar a sua pátria, e não devem encantar-se com a bela e traiçoeira serpente do mercado. Não devem os educandos lançar mão de modismos que, às vezes, nem sabem o que são. O que é comum vermos na cultura das

ciências é a insensatez em relação à percepção do educador com a realidade do aluno. De nada adianta mostrarmos exemplos sem que o aluno tenha real conhecimento dos fatos.

> Precisamos meus caros educadores, compreender que muito mais do que ensinar conteúdos através de métodos adequados, a atividade educacional visa formar o cidadão para o exercício da cidadania. A escola tem que ser um exemplo vivo disso. O processo educacional determina a formação do caráter do individuo. Isto significa a formação do cidadão consciente da sua qualidade de ser humano, das suas responsabilidades civis, do seu direito ao acesso, conservação, transformação e difusão dos bens culturais e valores da civilização. A atividade pedagógica deve respeitar e promover esses valores. A escola, o sistema educacional e os profissionais da educação precisam estar conscientes de que estão lidando com seres humanos historicamente situados e que precisam adquirir ou reforçar a noção de sua historicidade. Eles devem se tornar conscientes de que pertencem a uma região, a uma comunidade, a um povo, a uma história, a um tempo, a um espaço e que precisam compreender a realidade em que estão inseridos. A partir desta compreensão, as pessoas sentem que podem e devem transformar a realidade, não segundo os ditames de uma ordem superior, mas segundo as necessidades que emergem da realidade (RODRIGUES, 2001 b, p. 94).

Rousseau possui uma preocupação com relação ao paralelismo entre teoria e prática afirmando que:

> De onde nascem todos estes abusos, a não ser da funesta desigualdade introduzida entre os homens pela distinção dos talentos e pelo aviltamento das virtudes? Eis aí o efeito mais evidente de todos os nossos estudos e a mais perigosa de todas as suas conseqüências. Não mais perguntam de um homem se tem probidade, mas se tem talentos; nem de um livro se é útil, mas se é bem escrito. São prodigadas recompensas ao belo espírito, e a virtude permanece sem honrarias. Há mil preços para os belos discursos, nenhum para as belas ações (ROUSSEAU, 2010, p. 38).

Rousseau afirma que o cidadão é valorizado pelos seus talentos, pelos seus discursos, por sua aparência estética, não importa se o que for escrito é útil, mas se foi bem escrito. Então, se analisa que o cidadão não é reconhecido por sua individualidade, suas qualidades pessoais, sua afetividade, seu caráter, sua responsabilidade perante ao outro e a sociedade, mas pelas atividades que sustentam profissionalmente.

> Na renovação das ciências, observa-se também esse fator, qual seja o de que os cidadãos são valorizados pelo que trabalham, por exemplo, como físicos, pintores, químicos e não como seres humanos, dotados de sentimentos, de afetividade, de senso de justiça, de virtudes. Se precisamos ser responsáveis pela moralidade de nossas ações, o ponto de partida para discuti-la também deve residir em nós mesmos e essa é a guinada decisiva

> provocada por seu pensamento: de agora em diante, toda a moralidade de nossas ações dependerá do julgamento que fazemos de nós mesmos e é na voz interna da consciência que buscamos o critério inato de justiça e virtude para efetuarmos esse julgamento (DALBOSCO, 2007, p.145).

A fim de que a escola possa alcançar seu verdadeiro mister, deve a educação manter um caráter amplo e complexo, integrado em todas as ações e relações, tendo como objetivo a arte de preparar e formar o sujeito para compreender a vida e suas relações no convívio social e através da disciplina. Saber o que posso ou devo fazer é de suma importância para o convívio na sociedade, pois somente tendo as regras bem claras é que saberemos ouvir e respeitar a opinião dos semelhantes ou as normas que são impostas pelos poderes estabelecidos. Portanto, devemos trabalhar a disciplina desde cedo com as crianças porque em todos os momentos da vida seremos colocados frente às regras, limites que serão reconhecidos através da disciplina.

O sujeito precisa ser valorizado pelo esforço que dispende, pelo trabalho, pela cultura e pelo conhecimento que realiza, e não pelo poder e sua situação econômica. Estamos destruindo o meio ambiente em busca do consumo ilimitado; os bens materiais estão sendo o centro da vida humana. E um dos recursos que resta aos oprimidos é a libertação por meio do conhecimento, pois é através desse que conseguimos atingir a emancipação[22] social ou humana. A escola é o lugar onde reunimos várias culturas, várias realidades e representa o espaço em que o educador necessita respeitar as diferenças e trabalhar em prol de mostrar que todos são capazes de aprender, independentemente de classe social. Lara (1988, p. 20) nos faz pensar sobre o sentido da cultura para a vida em grupo:

> A cultura é destinada a dar sentido à vida do grupo, é destinada a criar valores comuns, é destinada a humanizar. A cultura é o modo de ser próprio do homem. É aquilo que o distingue do animal. O animal é produto da natureza. O homem é fruto da cultura. Criando cultura, o homem se cultiva, ou seja, adquire modo de ser do qual é responsável. De certa maneira, podemos dizer que o grupo humano, como também o indivíduo humano, no âmbito e na dependência de seu grupo, é, ao mesmo tempo, causa e efeito, pai e filho da sua cultura.

Hoje em dia, as pessoas não têm oportunidades de desfrutar das atividades culturais; na Semana Farroupilha, por exemplo, na cidade de Piratini, esqueceram

[22] Utilizamos aqui o termo *emancipação*, no sentido que Karl Marx (1818-1883) a ele atribui, o da transformação do modelo social vigente.

os gaúchos e a cultura, pois a pilcha e a comida típica são raridades. Aquilo que as pessoas conheceram e viveram, em sua infância, hoje está ficando na memória e na saudade. Nas palavras de Bauman (2007, p. 125):

> Esquecer é tão importante quanto aprender – se não for mais. Há um "não deve" para cada "deve", e qual dos dois revela o verdadeiro objetivo do ritmo assombroso da renovação e da remoção, e qual deles é apenas uma medida auxiliar para garantir que o objetivo seja atingido é uma questão irremediavelmente discutível e cronicamente insolúvel.

De modo geral, a cultura transforma-se em novas maneiras de dizer e fazer o *mundo da vida* (Lebenswelt) que são incorporadas ou substituem outras; com o tempo, percebemos e dizemos que o mundo modificou-se. Então, surge o questionamento com relação às razões por que as pessoas falam com facilidade até com certo saudosismo em relação a tempos idos. Na verdade, não foi somente o mundo que mudou, mas também o ser humano que adquiriu outros valores, outras perspectivas e acabou transformando o ambiente em que vive. Nesse sentido, é importante atentar para o questionamento proposto por Rousseau (2007): "Que experiências seriam necessárias para chegar a conhecer o homem natural e quais são os meios para fazer essas experiências no seio da sociedade?" (p.24). Frente ao exposto, é pertinente analisar aspectos que envolvem o processo educativo desde o nascimento do sujeito através das ideias existentes e construídas na sociedade (disciplina, limites, direitos, deveres e valores) com relação à forma do educar. Rousseau aborda em sua obra *Emílio* sobre os deveres que devemos cultivar, aqueles voltados para nós mesmos:

> Nossos primeiros deveres são para com nós mesmos; nossos sentimentos primitivos concentram-se em nós mesmos; todos os nossos movimentos naturais relacionam-se primeiramente com nossa conservação e nosso bem-estar. Assim, o primeiro sentimento da justiça não vos vem daquela que nós devemos, mas sim da que nos é devida, e esse é mais um dos contra-sensos das educações comuns, que, falando primeiramente às crianças de seus deveres e nunca de seus direitos, começam por lhes dizer o contrário do que é preciso, o que elas não são capazes de entender e não pode interessar. Portanto, se eu tivesse que educar uma dessas crianças que acabo de mencionar, diria para mim mesmo: uma criança não ataca as pessoas, mas sim as coisas, e cedo aprende pela experiência a respeitar quem quer que a supere em idade e em força, mas as coisas não se defendem por si mesmas. As primeira ideia, portanto, que lhe devemos dar é menos a de liberdade do que a de propriedade, e , para que possa ter essa ideia, é preciso que ela tenha algo de seu (ROUSSEAU, 2004, p. 103).

Assim, podemos dizer que a educação que os pais[23], com seus ensinamentos e, principalmente com seus exemplos, fornecem é a base da formação do ser. A escola é um complemento dessa formação e deve oferecer o conhecimento para que o indivíduo alcance o seu lugar no mercado de trabalho e na sociedade, com os limites e as leis que regem um convívio pacífico e digno para ele na sociedade. A "família, a escola e a comunidade são responsáveis pela formação das crianças e dos jovens que no futuro serão responsáveis pela condução do destino da sociedade a que pertencem" (VASCONCELOS, 1997, p. 60).

À Educação cabe orientar, despertar, conduzir, levar ao discernimento e mostrar horizontes a serem buscados pelo indivíduo em prol do seu bem-estar e da comunidade em que está inserido. A educação eleva os sentimentos humanísticos do sujeito e o conduz no caminho da tolerância e da compreensão de seu modo de ser no mundo. Assim, a formação ganha um sentido humanizador, como nos descreve Gadotti (2009, p. 10):

> [...] os educadores, numa visão emancipatória, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. [...] Eles fazem fluir o saber (não o dado, a informação e o puro conhecimento), porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis.

A educação, enquanto civilidade, conforme mencionamos anteriormente, mostra-se desde o uso de uma saudação de *bom dia*, um agradecimento, um pedido de, por favor, até o conhecimento sobre os conceitos mais elevados e relativos à codificação de condutas e ao respeito por normas de convívio. Por isso tudo, acredito que, se valorizada e conduzida de maneira adequada, a formação poderá resolver, sim, a violência contra seres humanos e contra a natureza, respeitados os princípios da vida.

> Estabeleçamos como máxima incontestável que os primeiros movimentos da natureza sejam sempre direitos: não há perversidade original no coração humano. Não se encontra nele um só vício de que não possamos dizer

[23] De acordo com Martins (2011, p. 58): “Os pais são os primeiros educadores. É com eles que o individuo afirma o seu contrato pedagógico, de forma que fica nas mãos deles a responsabilidade de guiar o processo educacional segundo a natureza. A mãe de acordo com Rousseau, é o primeiro educador que aparece nesse processo educacional, e é com ela que o individuo estabelece um contrato para que seja garantida a sua formação de ser humano, conforme apontamos anteriormente. Assim, para pensarmos a educação na primeira infância, devemos pensar em conjunto o papel dos pais e do educador”.

> como e por onde entrou. A única paixão natural ao homem é o amor de si mesmo, ou o amor-próprio tomado em sentido amplo. Este amor próprio, em si ou relativamente a nós, é bom e útil, e, como não tem relação necessária com outrem, é a esse respeito naturalmente indiferente. Só se torna bom ou mau pela aplicação que se faz dele e pelas relações que se dão a ele. Até que o guia do amor-próprio, que é a razão, possa nascer, é portanto importante que uma criança não faça nada porque é vista ou ouvida, nada, numa palavra, por causa dos outros, mas apenas o que a natureza lhe pede. Nesse caso, nada fará que não seja bom (ROUSSEAU, 2004, p. 95).

Pai, mãe, professor, dirigentes, legisladores repensam seu papel dentro do contexto social atual, e redefinem sua atuação para que crianças e jovens não carreguem estes *farrapos destroçados* de uma Educação voltada para os interesses de grupos. Ao pensar no que almejamos para redirecionar nossa trilha, com passos firmes e concretos, talvez necessitemos começar a rever o que temos na realidade e o que pode ser concretizado em busca de uma educação de qualidade e que possa gerar frutos saudáveis e amadurecidos, nos ideais da consciência e das virtudes, inerentes ao ser humano. Para que realmente a formação do sujeito venha a ser valorizada como fundamental dentro da sociedade talvez possamos repensar e integrar o modelo curricular em todas as modalidades de ensino.

> A universidade deve propiciar à comunidade uma educação de qualidade, procurando formar cidadãos do mundo, capazes de atuar com segurança, em parceria e em regime de cooperação, numa sociedade na qual as contradições e inseguranças são acentuadas e presentes no cotidiano. Para tal, deve considerar o homem como um todo, sem a tradicional separação do corpo e da mente, o que implica um redimensionamento curricular. O currículo escolar não mais poderá ser organizado de forma rígida, inflexível. A compartimentação e a desarticulação devem ser substituídas pela integração e articulação na teoria e na práxis. A Interdisciplinaridade é uma alternativa que deve ser utilizada em todos os níveis e modalidades de ensino, em vez de formar profissionais acríticos, alienados, tecnólogos. Deve priorizar a reflexão, a criação, a construção, a reconstrução, o pensar, o repensar, o amor à humanidade e à natureza (LAMPERT, 2000, p. 39).

Na atualidade, a educação nos propicia a inclusão social. Portanto, se portadora de necessidades especiais, a pessoa poderá buscar um lugar na sociedade e no mercado de trabalho, dentro das suas potencialidades, o que há décadas atrás era impossível; se a pessoa é de classe média baixa, poderá, com dedicação, alcançar uma universidade, através de bolsas escolares e adquirir um conhecimento superior e, consequentemente, melhorar a qualidade de vida. As mulheres, por sua vez, conquistam, aos poucos, um espaço que, até então, pertencia somente aos homens – o mercado de trabalho. Os processos educativos

evoluíram e os sujeitos precisam buscar as possibilidades para fazer a sua história, ou seja, alcançar seus objetivos com relação à formação, inclusive acadêmica. É garantido à criança o direito às oportunidades favoráveis e a busca do conhecimento e da infra-estrutura. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação e do Desporto (1996):

> Cada criança ou jovem, mesmo em locais com pouca infra-estrutura e condições sócio-econômicas desfavoráveis, deve ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania e usufruir dele. Se existem diferenças sócio-culturais marcantes, que determinam variadas necessidades de aprendizagem, existe também aquilo que é comum, que um aluno de qualquer lugar do interior ou do litoral, de uma grande cidade ou da zona rural, deve ter o direito de aprender e esse direito deve ser garantido pelo Estado (p.77).

Porém, para que o processo educativo se efetive, é necessário querer e ir à busca da utopia da melhor formação e mesmo não sendo fácil, não se pode desistir de lutar por um modelo de sociedade almejado. O potencial de mudança tem em vista o ideal de construir uma sociedade melhor e atinge a todos, por sermos partes integrantes do processo de construção de ideias, de realizações, de leis que valorizam a educação. Garcia (2010) faz a seguinte reflexão sobre a educação:

> Educação, que se dá em múltiplos e diversos locais, tem que ser disseminada no campo social, a fim de que as experiências possam ser trocadas em um processo criativo de mútua realimentação. Trata-se de "remar contra a maré", vale dizer contra o modelo de sociedade que temos, com a sua ética excludente, competitiva e predatória. Porém mais do que buscar se opor, perspectiva em que o outro dá as cartas, e nós estamos sempre correndo atrás, trata-se de construir através de processos educativos, e *neles mesmos*, formas solidárias, igualitárias e plurais de convivência entre os homens. Ter esta postura é se opor, mas se opor na ofensiva de quem deseja construir (p.66).

Apesar de todos os contrastes da vida moderna, principalmente ligados à educação, onde uma parcela dos educandos possuem recursos tecnológicos de última geração, os avanços em escolas e universidades ocorrem. Por outro lado, vivenciamos o drama do analfabetismo, de escolas sucateadas, dos profissionais mal remunerados, tendo que *fazer bicos* para se manter. Rodrigues (1999) em sua obra *Elogio à Educação* nos faz refletir sobre seus contrapontos.

> O que nos desperta a vontade para esse canto à Educação é a vontade de se fazer um contraponto ao tipo de louvação que contemporaneamente se

> entoa a ela. Esse hino anuncia e replica ser a Educação o que de mais fundamental deve ser considerado quando se pensa na construção do mundo moderno. Mas eis que encontramos, nas entrelinhas e nas linhas desses falsos cantadores, um veneno que corrói inexoravelmente a natureza da ação educativa: a visão utilitária que lhe serve de suporte. Cantam-se louvores à Educação, mas desgraçadamente, só depois de a definharem. O que então proclamam esses cantores? A importância da ação educativa na "formação do trabalhador útil à empresa moderna", na "formação do cidadão moderno", do trabalhador produtivo". A cidadania, por tais ilações, fica reduzida às ações dos sujeitos que protagonizam a produção de bens necessários ao mercado; canta-se a necessidade do progresso do país e sua integração num mundo global. Mas quando se anuncia qualquer preocupação para com as pessoas, com os valores, com o bem-estar, com a alegria de viver e sim, e apenas, com as exigências a serem preenchidas para que se ofereçam garantias para os grandes negócios (p.28).

Poderíamos enumerar, ainda, a falta de atualização e formação adequada dos professores. Para amenizar, criam-se *Amigos da Escola*, programa executado com voluntários para desempenhar o papel de educadores dentro do contexto escolar. O que ocorre é que não se prepara e nem se analisa as condições dessas pessoas para tal desempenho e assim começamos a pensar qual a política de educação dos governos, onde destacam a participação[24] das pessoas na escola, então cria-se a *Escola Aberta* para levar a comunidade até o ambiente escolar. Devemos, todavia, perguntarmo-nos sobre as condições em esta participação acontece e porque os educadores não participam do entorno onde o educando vive, pois assim é um recurso ao qual realmente vamos conhecer a realidade porque o educando tem seu espaço na escola que muitas vezes não condiz com seu cotidiano. A proposta pedagógica das oficinas da escola aberta aponta, através de seus parâmetros instituídos, para aspectos da cidadania, do trabalho colaborativo, amparados na exigência da observância da diversidade cultural:

> Definiram-se, para a consecução dos objetivos, os tipos de oficinas abaixo explicitados em linhas gerais:
> **1.** Oficinas planejadas a partir da pesquisa que o coordenador escolar realizará na comunidade, identificando os interesses e necessidades dos moradores. As oficinas podem ser de diversas áreas como cultura/artes,

[24] "*Se alguém quer que as pessoas participem, deve, antes de mais nada, levá-las a sério.* Quando houver desejo real de planejamento participativo, um aspecto metodológico constitui-se em ponto fundamental: recolher o que as pessoas sentem, desejam e pensam da maneira como elas o pensam, desejam e sentem, utilizando as próprias palavras que as pessoas escrevem ou pronunciam. O importante é definir que, para construir um processo participativo com distribuição do poder, não é suficiente pedir sugestões e aproveitar aquelas que pareçam simpáticas ou que coincidam com pensamentos ou expectativas dos que coordenam: é necessário que o plano se construa com o saber, com o querer e com o fazer de todos." (GANDIN, 2010, p.136).

> esporte e lazer, comunicação, saúde, informática, trabalho e outras (reforço escolar, idiomas, conteúdos variados).
> **2.** Oficinas fomentadas pelo MEC, com o objetivo de contribuir para o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural nacional, o enfrentamento da discriminação e do preconceito, o desenvolvimento da cidadania e do protagonismo juvenil. Serão realizadas , entre outras e sempre que possível, oficinas de direitos humanos e cidadania, diversidade e leituração.
> Dessa forma, o **Programa Escola Aberta** busca contribuir para a construção da cidadania consciente, responsável e participante, favorecendo a inclusão sociocultural (particularmente do jovem estudante da educação básica das escolas públicas), a diminuição da violência e da vulnerabilidade socioeconômica e, por extensão, a promoção da paz e da melhoria da qualidade de vida da população. Pretende, ainda, transformar a escola em um ambiente mais atuante e presente na vida dos jovens e suas comunidades, promovendo maior diálogo, cooperação e participação entre os alunos, pais e equipes de profissionais que atuam nas escolas, além de contribuir para a complementação de renda das famílias (PROGRAMA ESCOLA ABERTA, 2007, p. 17).

Na realidade, projetos bonitos e ideias no papel nos são apresentados em larga escala; porém, na prática, poucos funcionam e raros atingem de maneira adequada os objetivos relacionados à formação. Tendo em vista a que venho tratar nesta pesquisa, questiono-me sobre a construção de uma cidadania consciente como é apontada pelo programa, levando em consideração o que foi colocado como proposta pedagógica, por exemplo, o trabalho com as diversas áreas como cultura/artes, esporte e lazer, comunicação, saúde, informática, trabalho e outras (reforço escolar, idiomas, conteúdos variados), pois mais uma vez não iremos trabalhar as experiências dos educandos, a educação das coisas, como nos lembra Rousseau.

É à urgência da diretividade educacional que Rousseau se refere, sendo de suma importância que o educador tenha os objetivos que regem a formação da criança bem definidos, pois temos que trabalhar não o conteúdo de forma estanque, mas precisamos envolver a realidade, o entorno da criança, gerar condições mínimas para o desenvolvimento dos sentidos.

> Exercitar os sentidos não é apenas fazer uso deles, mas aprender a bem julgar através deles é aprender, por assim dizer, a sentir; pois nós não sabemos nem tocar, nem ver, nem ouvir a não ser da maneira como aprendemos (ROUSSEAU 2004, p. 160).

Desde seu nascimento, o ser humano convive intimamente com a educação, no modo de se alimentar, na higiene, etc. Ao dividir a realidade em tópicos diferenciados, estamos apenas usando um recurso intelectual que visa explicitar os

fenômenos. Não podemos confundir os esquemas intelectuais com a própria realidade. Pensar e fazer educação fora das condições sociais e históricas é um grave perigo para o homem e pode significar uma ameaça para os destinos da humanidade. Nesse sentido, Streck (2008) declara: “O homem e seu contexto são inseparáveis. Qualquer tentativa de dicotomizar o homem e seu mundo redunda em fracasso de compreender um e outro” (p.62). Neste contexto, encontramos a figura do mestre, importante peça para o funcionamento dessa engrenagem denominada educação.

Por isso, a pergunta *O que é um mestre?* É relevante verificar os conceitos *teoria* e *mestre* na práxis, pois ao compreendermos o conceito, não obtemos plenamente a indicação do caminho que o profissional vai seguir, se sua ação acontece sob a égide do anseio de formação ou se nosso conhecimento encontra-se realmente vinculado ao processo de integração entre mim e o mundo. Pois para que ocorra o aprendizado, é necessário partir do pressuposto de que o sujeito analisa o que ocorre em seu entorno, apropria-se do mundo para, então, analisar e compreender o sujeito e o objeto[25]. Aconteceria aqui uma espécie de hermenêutica relacionada à formação humana e aos conceitos históricos.

Na linguagem popular, dizemos que o papel aceita tudo, o que significa afirmar que atualmente questiono-me sobre o desempenho do educador, pois os conceitos teóricos são perfeitos, mas se observarmos na mídia, os índices de reprovação são altos e o desinteresse dos alunos é comprovado em suas afirmações diárias, como: *Tal professor me aprova sem fazer avaliação!*, *Aquele professor, nem conteúdo desenvolve!*, *O professor somente dita conteúdo e nem explica o mesmo!*, entre outros fatos que ocorrem, envolvendo disciplina, abandono da instituição, reclamações dos salários, etc. A questão abordada tem a ver com o fato de pensarmos na bagagem que o educando traz para o âmbito escolar e com o professor, que deve ter consciência de seu papel com uma visão de que o educando é um ser em desenvolvimento que, para tornar-se crítico, precisa ser atingido formativamente com atividades que o façam refletir e não com conteúdos que estão fora de sua realidade.

[25] O conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo nem de objetos já constituídos (do ponto de vista do sujeito) que a ele se imporiam. O conhecimento resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre os dois, dependendo, portanto, dos dois ao mesmo tempo, mas em decorrência de uma diferenciação completa e não de intercâmbio entre formas distintas (PIAGET,1972, p. 14).

> A cultura da repetência tão internalizada em nossa consciência profissional revela nosso amargo sentimento de que o aluno não quer nada, não quer aprender, apesar de ensinarmos bem. Os altos índices de repetência refletem os altos índices de nossa frustração profissional. Confirmam a visão que temos de que as novas gerações não querem aprender, logo confirmam que nosso oficio perdeu o sentido. Nos diálogos com o magistério, alguns chegam ao limite de sugerir que sem reprovação o desinteresse por aprender chegará ao extremo: “se sabem que não serão reprovados para que estudar?” Essas constatações ou a crença nessa lógica é brutal. É uma expressão, um atestado de que chegamos ao sem-sentido de nosso papel social (ARROYO, 2000, p. 56).

Assim, observo e questiono sobre onde está a ética do profissional da educação, da comunidade escolar, pergunto sobre a relação entre os conceitos. Definições sempre aparecem sob a forma de pontos de interrogação, quando se referem ao homem – ser mutante – em relação ao *dever ser* da atividade humana e ao que vejo na prática. Por isso cria-se uma imagem ideal de mestre que, muitas vezes, está distante da realidade: trata-se apenas de uma imagem, um ponto utópico na educação. O que vejo é que o discurso nem sempre condiz com a prática, sendo este fato é um agravante para a educação, quando os professores não conseguem cumprir o *pacto social* com o qual assumiram compromisso social, e, ao prestarem concurso, propuseram-se a cumprir. Rousseau em sua obra, Do Contrato Social ou Princípios de Direito Político, faz-nos refletir sobre os princípios gerais do direito político, sobre a igualdade, sobre direitos e deveres do cidadão formado, questões gerais que devemos ter presente em qualquer momento de nossa vida, profissional ou familiar.

> Por qualquer dos lados que se remonte ao princípio, chega-se sempre à mesma conclusão, a saber, que o pacto social estabelece entre os cidadãos uma tal igualdade que todos se engajam sob as mesmas condições e faz com que todos usufruam dos mesmos direitos. Desse modo, pela natureza do pacto, todo ato de soberania, isto é, todo ato autêntico da vontade geral, obriga ou favorece igualmente todos os cidadãos, de maneira que o soberano conhece apenas o corpo da nação e não distingue nenhum daqueles que a compõem (ROUSSEAU, 2008, p. 51).

De acordo com o que é proposto por especialistas que estruturam as leis educacionais, ninguém é obrigado a estar ou a fazer parte da estrutura educacional. Os docentes estão envolvidos num processo caracterizado por reclamações tanto salariais, como relativas a recursos humanos e materiais. Os alunos, por sua vez, estão na instituição em busca do esclarecimento, do desenvolvimento do raciocínio; então se envolvem num processo que está longe de fazê-lo alcançar a auto

realização profissional. A educação escolar tem que ser, por excelência, o uso do diálogo na busca de possibilidades de educar. Aqui, também, nesse processo, a hermenêutica apresenta-se como forma de racionalidade, que pode produzir saber. Não podemos reduzir a verdade a uma aplicação metódica, pois sempre estará relacionada ao tempo, uma vez que não se pode separar o sujeito do mundo objetivo.

> A educação é, por excelência, o lugar do diálogo, portanto o lugar da palavra e da reflexão, que ultrapassa a apropriação dos conhecimentos para nos conduzir à formação pessoal. Desde que podemos dizer a palavra, estamos em constante conversação com o mundo, instaurando a própria possibilidade de educar (HERMANN, 2002, p. 95).

Não basta, para nós, modificarmos a relação metodológica[26] professor-aluno para podermos dar conta das novas necessidades da criança, do adolescente, do jovem, hoje. É preciso mudar as estruturas, a forma de avaliar dentro da escola, a forma de tratar os conteúdos, de planejar o trabalho e, principalmente, a forma como a escola se relaciona com o mundo, com a vida e com a comunidade.

Vivemos em uma sociedade globalizada, que se diz democrática[27], mas é marcada pela exclusão de muitos, entre eles os jovens e os pobres, sociedade em que os programas de ajuste econômico, oferecidos pelo governo, impõem metas a serem alcançadas.

A sociedade como um todo convive desde seus primórdios com segregações de diversos tipos e, isto não é fácil de ser mudado de uma hora para outra, nem por alguns poucos. A escola como formadora de cidadãos pode contribuir com diretrizes e subsídios para que o próprio indivíduo, através de sua consciência política saiba transformar esse universo. É preciso que a educação, busque resgatar os valores verdadeiros e traga o real sentido do viver em sociedade e, principalmente, na família. Se a família tiver claro estes valores, com certeza,

---

[26] "Se os métodos de ensino não são estudados no contexto no qual serão implementados, os futuros professores podem não saber identificar os aspectos essenciais, nem adaptar as estratégias instrucionais que lhes foram apresentadas em termos abstratos à sua matéria específica ou a novas situações" (McDERMOTT, 1990, p. 736).

[27] "No livro III do Contrato, Capitulo IV, o autor enumera condições para que a democracia aconteça. A virtude, a simplicidade de costumes, igualdade entre classes e fortunas, pouco ou nada de luxo (não foi Marx, mas Rousseau o primeiro defensor da austeridade) e a implantação em um Estado pequeno. A liberdade individual preconizada por Rousseau, a partir das condições postas para que a democracia se efetive, não desembocaria no tipo de democracia liberal que temos hoje. A democracia rousseauniana previra a negativa ao acúmulo de bens, o limite de propriedade, a busca do bem comum em detrimento do luxo e da soberba, e, sobretudo, o não-liberalismo" (OLIVEIRA, 2000, p. 97).

teremos indivíduos conscientes do seu papel na sociedade, tendo em vista que, através da formação do cidadão desde tenra idade, vai encontrar meios para superar suas dificuldades, abrir caminhos, ampliar seus horizontes uma vez que, na sociedade capitalista em que vivemos hoje, onde os indivíduos estão centrados em si; encontram-se em busca da própria satisfação e do lucro. A constatação é a de que fomos, paulatinamente, virando máquinas, deixamos o sentimento de lado, esquecemos de *ser*, negligenciamos a parte humana.

> O opúsculo de Rousseau é uma crítica feroz e contundente contra a sociedade moderna, é um grito de alerta sobre a exploração do homem pelo homem, sobre a degradação dos valores éticos, é uma sátira contra a sociedade hipócrita e vazia que privilegia o ter, o dominar, o conquistar, mas que nunca soube o que é o ser (MIORANZA, 2007, p. 7).

A comunidade escolar conscientizada de seu papel pode exercer a função voltada para o desenvolvimento da sociedade. A meu ver, uma formação educacional capaz de desenvolver indivíduos críticos, conscientes, deve ser capaz de integrar a família e as instituições de ensino exatamente porque a educação é um processo que acompanha o indivíduo desde seu nascer. Também aprendemos quando estamos fazendo a caminhada para a escola, no momento em que conversamos com nossos amigos sobre quantas quadras vamos percorrer para chegar à escola, que cores predominam nas fachadas das casas pelas quais passamos, quais estabelecimentos comerciais encontro no meu bairro, como é meu relacionamento com a comunidade. Educação formal e informal entrelaçam-se conforme o interesse das partes envolvidas no processo educativo.

> Quem é o educador-formador desse sujeito humano? Tradicionalmente, essa é tarefa inicial da família, a começar dos pais, passando a outros membros e a todos os adultos que convivem, desde o início, com as crianças. Em segundo lugar, já foi um papel desempenhado pelas comunidades, pois constituíam um corpo educativo formado, principalmente, pelos mais idosos, que preservavam os princípios a serem seguidos por todos os membros da vida comunitária. A religião também já desempenhou um poder educativo em relação a uma série de valores invocados pelas comunidades. E, por último, as instituições sociais, como o Estado e seus aparelhos, a justiça, os partidos políticos, as organizações da sociedade civil e, do ponto de vista dos conhecimentos e habilidades, as instituições educacionais. Ora, o que ocorre nos últimos tempos? Assiste-se a uma desintegração dessas unidades educativas. As famílias têm perdido sua hegemonia educativa, na medida em que desestruturam as relações tradicionais entre seus membros. E não estamos a nos referir apenas às famílias das classes pobres, mas de todas as chamadas unidades familiares. Os pais estão cada vez mais ausentes da vida dos filhos, desde os primeiros dias de suas vidas. Igualmente, a Igreja deixou de representar uma instituição unitária e hegemônica, capaz de dar direção moral às novas

> gerações. E as comunidades desapareceram nas formas novas de organização da vida coletiva nos tempos modernos. Cada vez mais as pessoas apenas vivem fisicamente próximas, sem qualquer unidade de projetos sociais, de princípios éticos, de trabalho, de dever, de relações. As cidades, por sua vez, se transformaram em simples aglomerações populacionais e não são formas de organização humanitária da vida coletiva (RODRIGUES, 2001 a, p. 253).

O processo da educação deve fazer a interação da escola com seus alunos, pais e professores para que estes saiam para as ruas trazendo, para dentro da escola, a comunidade escolar. Não podemos esquecer que a escola, como o ser humano, é parte do universo em que está inserida. A interação, portanto, tem que ser total. Não é concebível uma escola que desconheça seu entorno.

> Precisamos meus caros educadores, compreender que muito mais do que ensinar conteúdos através de métodos adequados, a atividade educacional visa formar o cidadão para o exercício da cidadania. A escola tem que ser um exemplo vivo disso. O processo educacional determina a formação do caráter do individuo. Isto significa a formação do cidadão consciente da sua qualidade de ser humano, das suas responsabilidades civis, do seu direito ao acesso, conservação, transformação e difusão dos bens culturais e valores da civilização. A atividade pedagógica deve respeitar e promover esses valores. A escola, o sistema educacional e os profissionais da educação precisam estar conscientes de que estão lidando com seres humanos historicamente situados e que precisam adquirir ou reforçar a noção de sua historicidade. Eles devem se tornar conscientes de que pertencem a uma região, a uma comunidade, a um povo, a uma história, a um tempo, a um espaço e que precisam compreender a realidade em que estão inseridos. A partir desta compreensão, as pessoas sentem que podem e devem transformar a realidade, não segundo os ditames de uma ordem superior, mas segundo as necessidades que emergem da realidade. (RODRIGUES, 2001 b, p.94)

Rousseau e suas ideias estão em nossa contemporaneidade. Percebemos isto através de suas obras em situações sobre os problemas de seu tempo que nos relata e que vêm ao encontro de nossa realidade, política, econômica e social. Aranha (2006, p. 33) nos relata a importância de compreendermos a nossa história.

> A educação não pode ser compreendida à margem da história, mas apenas no contexto em que os indivíduos estabelecem entre si as relações de produção da sua própria existência. Desse modo, a educação não é um processo neutro, mas se acha comprometida com a economia e a política de seu tempo.

Em sua Terceira Caminhada, Rousseau (2010, p. 27), referindo-se aos resultados registrados em Profissões de fé do vigário saboiano, no Livro IV do Emílio, afirma: “Envelheço aprendendo sempre”, fazendo-nos refletir sobre a

capacidade que temos em aprender e que tudo depende do que acreditamos, pois a natureza fornece os meios para buscarmos, mas “nossas opiniões são a regra de nossas ações” (2010, p. 29). É também nesta mesma caminhada que Rousseau nos afirma a esperança de que “algum dia pode causar agitação entre os homens se algum dia reinar o bom senso e a boa-fé” (2010, p. 35).

Através de suas obras, o autor ressalta sua trajetória de vida, viagens e reflexões, a vida no campo e também seus momentos de sagacidade e discernimento para enfrentar as dificuldades. Sua caminhada nos reporta à atualidade, quando muitas crianças não convivem com seus pais.por conta de uma situação econômica precária. Muitas vezes, nesses casos, a escola pode ser o caminho capaz de conduzir esta criança a pensar e usar seus sentidos para identificar como deve agir perante a si e ao seu semelhante.

Palavras Finais

> *Quanto a mim, quando desejei aprender, foi para eu mesmo saber e não para ensinar; sempre acreditei que antes de instruir os outros era preciso começar sabendo o suficiente para si mesmo, e de todos os estudos que fiz em minha vida em meio aos homens não há quase nenhum que também não tivesse feito sozinho em uma ilha deserta onde estivesse confinado pelo resto de meus dias. O que faremos depende muito do que acreditamos, e em tudo que não diz respeito às necessidades básicas da natureza nossas opiniões são a regra de nossas ações.*
>
> Rousseau (2010, p. 29).

Uma das vias por onde entendemos a educação é a partir da certeza de que um ser humano aprende na interação. Tanto ele imprime a sua marca no mundo, quanto o mundo influencia sua formação. A aprendizagem acontece junto com o desenvolvimento do ser humano. Portanto, entendemos que a educação precisa ser dialógica, interativa, necessita partir do pressuposto de que o ser humano detém uma série de conceitos, vem com uma cultura para dentro da escola. A escola, por sua vez, terá de dialogar com essa cultura para que possa construir novos conhecimentos. A partir do conhecimento individual e social do educando, é que o educador deverá estabelecer seu planejamento e direcionar suas ações dentro da metodologia adequada para cada situação. Falamos, então, do comprometimento que o professor precisa ter com a formação moral e social de seu educando.

Com relação à formação moral ou a construção do ser ético, vale recordar que mesmo conhecendo a nobreza, Rousseau não se deixou corromper pelo luxo e pelas vaidades, pois em sua infância era pobre e, no decorrer de sua vida, soube o que a nobreza poderia lhe ofertar. No final de sua vida, a pobreza veio lhe acompanhar pelo fato de discordar das ideias impostas pela aristocracia[28]. Contudo, para ele, o importante era ser sincero, tanto que reconheceu seus desencontros e infelicidades, descrevendo-as em suas obras. Rousseau não foi omisso aos fatos ocorridos em sua vida.

Ao estudar Rousseau, percebi a grandeza do seu pensamento, sua visão do ser humano e pude apropriar-me do que sua teoria aponta como desenvolvimento e realização de aspectos de sua formação, aspectos esses que corroboram o que vai tematizar como conteúdos e métodos para a educação das crianças.

---

[28] Rousseau (2010, p. 00), em certo momento de sua vida afirmou: "Serei diferente dos outros, serei lembrado para sempre como aquele que disse não ao dinheiro fácil".

Conheçamos o Rousseau lírico, autor dotado de uma prosa poética, romântico ou entremos em contato com Rousseau de uma antropologia, da pedagogia política ou da política pedagógica, estaremos apreendendo aspectos pedagógico-formativos de um autor que reconhece seus erros e assume seu remorso em relação ao abandono dos filhos, tanto que declarou para seus leitores que não o fez para desculpar-se, mas com a finalidade de impedir seus leitores de imitá-lo. Rousseau é, antes de tudo, mestre de Emílio, faz-nos pensar sobre nosso papel diante da formação da criança, tanto no âmbito formal e informal, possui a humildade de reconhecer suas falhas e nos deixa um legado em sua obra para que possamos refletir que cidadãos estamos formando hoje. Em seu amor pela humanidade, Rousseau nos auxilia a pensar a respeito do fato de que, de certa forma, não estamos abandonando as virtudes, os limites, a moral, o exemplo. Está na hora de dedicarmos um olhar especial para o agir perante a nossa família, nossa profissão, nosso papel na sociedade, pois a realização de um ideal formativo e humanitário depende do ato de cada um de nós.

Se hoje temos ideias tão evoluídas, uma vida tão rica em tecnologia e progresso é, com certeza, porque este terreno foi semeado e cuidado por nossos antepassados. Hoje, colhemos os frutos de sementes sadias e ricas, que foram lançadas em meio a um clima de incredulidade e dúvida de outras épocas, mas que, pela coragem e ousadia de pensadores preocupados com a educação, estamos confirmando verdades e ajudando muitíssimo na formação do indivíduo.

Assim, busquei levantar dúvidas, pesquisar, dirigir, problematizar por meio do diálogo para aprofundar o conhecimento em relação ao ser que está em constante formação. Notei que, a cada instante, aprende-se algo novo, decorrente de processos de vivências e aprendizagens. Portanto, podemos afirmar que a formação humanas começa com o conhecer-se a si mesmo e desemboca no ideal de formação do espírito, no horizonte da liberdade e da universidade.

Conforme, já afirmei em outros momentos, a proposta rousseauniana nos remete à atualidade pelo fato de que, no século XVIII, busca mostrar a importância da educação da criança em relação aos laços familiares na educação informal e na educação formal, enfatiza, primordialmente, o comprometimento dos educadores, dos gestores e dos governantes. Em suas obras, relata a importância dos laços afetivos, do amor pela mãe, dos hábitos, do exemplo, do aprender pela experiência. A tarefa de Rousseau, enquanto autor clássico e preocupado com a educação,

possui o fito de nos fazer refletir sobre a importância que devemos dar à formação humana em relação às virtudes, à verdade e, acima de tudo, ao crédito que os homens precisam dar a si mesmos, pois somente vamos aprender fazendo, precisamos ser construtores, temos que explorar nossas potencialidades, porque, como cidadãos, temos que fazer opções, eleger e analisar o que é melhor para o nosso crescimento intelectual, social e psíquico. Urge que pensemos ponderadamente, nada deve ser realizado em excesso, porque, acima de tudo, temos que ter sabedoria nas escolhas. Isto porque a virtude está relacionada à ânsia e ao desejo de fazer com que o homem torne-se um cidadão.

O grande desafio para a atualidade, em termos da formação, é trabalhar questões ligadas à moralidade, buscar desenvolvimento de indivíduos honestos, sem vícios, que exercitam a tolerância, a cooperação, a solidariedade, a humildade, o respeito e a justiça. É inegável que somente com a colaboração dos pais na formação educacional, seremos capazes de desenvolver indivíduos críticos, conscientes, porque é através dos responsáveis pelas crianças que a escola tem conhecimento do aspecto sócio-cultural do qual a família faz parte, que acesso esta tem para ajudar e dar condições para a formação do seu filho.

A escola deve ser, portanto, o ambiente que concilia a vivência familiar, a social e a individual, proporcionando ao educando uma consciência crítica em relação aos seus valores e aos dos outros seres.

A tendência do homem e a sua necessidade natural de conviver com seus pares, o torna um ser social. Nesse aspecto, a educação é de grande importância para estabelecer normas de comportamento que tornam essa socialização harmoniosa, com respeito ao outro. Deve haver integração entre os segmentos da sociedade, principalmente entre família e escola, por serem os dois maiores grupos de socialização entre os indivíduos.

A teoria de Rousseau ratifica esses aspectos da pedagogia que imaginamos. Por tudo o que expusemos, é que acreditamos na relevância da teoria do referido autor para a atualidade. A obra de Jean-Jacques Rousseau tem muito a nos dizer, educadores e pesquisadores. Darmos uma visibilidade crítica ao seu pensamento e problematizar, por conseguinte, olhares sobre o processo de formação humana na hodiernidade faz muito sentido. Num universo enorme de pesquisadores que estudam a obra rousseauniana, pretendi, com minha dissertação, ofertar aos leitores um pouco do que consegui aprofundar a respeito das suas ideias. Uma parte dessa

minha trajetória encerra-se aqui, sem, entretanto, cessar a curiosidade que ainda mantenho em relação ao autor. A fecundidade teórica de sua obra incita a que eu prossiga.

Referências

ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito de. **A filosofia contra a intolerância:** Política e Religião no Pensamento de Jean-Jacques Rousseau. 2008. 242f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, n.113, p.51-64, julho/2001.

ANTUNES, Angela; PADILHA, Paulo Roberto. **Educação Cidadã, Educação Integral:** fundamentos e práticas. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010.

ARANHA, Maria Lúcia da Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 2006.

ARROYO, Miguel G., **Ofício de Mestre**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BIAGGIO, Angela. **Lawrence Kohlberg:** ética e educação moral. São Paulo: Moderna, 2006.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos.** Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** SP: UNESP, 1999.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia do Iluminismo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

CHAUÍ, Marilena**. Convite à Filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 2000.

_____. **Filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 2004.

CONCEIÇÃO, Moisés do Carmo. Rousseau e a Tolerância. **Revista Pesquisa em Foco:** Educação e Filosofia. Vol. 3, n.3, Ano 3, Setembro 2010, p. 110-123*.*

DALBOSCO, Cláudio Almir. **Filosofia e Educação no *Emílio* de Rousseau**: O papel do educador como governante. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2011.

_____. Paradoxos da educação natural no Émile de Rousseau: os cuidados do adulto. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol.30, n.106, p.175-193, jan./abr. 2009.

DENT, N.J.H. Dicionário Rousseau. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar, 1996.

DIAS, Kleber Eduardo Barbosa. Justiça e areté como horizonte ético no pensamento de Aristóteles. **Jus Navigandi**, Teresina, Ano 12, n.1382, abr./2007.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens:** para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

DOZOL, Marlene de Souza. **Rousseau – Educação:** a máscara e o rosto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

DUSKA, Ronald; WHELAN, Mariellen. **O desenvolvimento moral na idade evolutiva:** um guia de Piaget a Kohlberg. São Paulo: Editora Loyola, 1994.

FÁVERO, Altair Alberto; DALBOSCO, Claudio Almir; MÜHL, Eldon Henrique (Orgs.). **Filosofia, Educação e Sociedade.** Passo Fundo: UPF, 2003.

FOLSCHEID, Dominique; WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia filosófica.** 2. ed. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à pratica educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho:** ensinar-e-aprender com sentido. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

_____. **História das Idéias Pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. **Os mestres de Rousseau.** São Paulo: Cortez, 2004.

GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo:** na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos cultural, social, político, religioso e governamental. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

GARCIA, Pedro Benjamim. Paradigmas em crise e a Educação. In: BRANDÃO, Zaia (Org.). **A crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Cortez, 2010. p.61-69.

GHIGGI, Gomercindo. **A pedagogia da autoridade a serviço da liberdade:** diálogos com Paulo Freire e professores em formação. Pelotas: Seiva, 2002.

GOMES, Sandra Regina; SIMÕES, Sergio Lourenço. Rousseau e Marx – dois românticos do pensamento educacional?, **Dialogia**, São Paulo, v.8, n.2, p.249-257, 2009.

GUSDORF, Georges. **Professores para quê? - Para uma pedagogia da pedagogia.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão.** Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2002.

HUMBOLDT, Wilhelm von. **Escritos de la filosofía de la historia**. Madrid: Editorial Tecnos, 1997.

_____. **The limits of state action**. Inglaterra: Cambridge: University Press, 1969.

JOHN, Jaime. Reflexões acerca da descoberta e da necessidade da redescoberta da Infância. In: **Educação Brasileira:** desafios e perspectivas para o século XXI. Porto Alegre: Sulina, 2000. p.111-120.

KOHAN, Walter Omar. O Mito Pedagógico dos Gregos. In: **Infância: Entre Educação e Filosofia.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.25-59.

LAMPERT, Ernani. A Universidade e os novos paradigmas da ciência pós-moderna. In: **A universidade na virada do século XXI**: ciência, pesquisa e cidadania. Porto Alegre: Sulina, 2000. p.25-40.

LARA, Tiago Adão. **Caminhos da Razão no Ocidente.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: UPU, 1986.

MARCONDES, Danilo. A crise de paradigmas e o surgimento da modernidade. In: BRANDÃO, Zaia (Org.). **A crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Cortez, 2010. p.17-31.

MENDONÇA, Eduardo Prado de. **O mundo precisa de filosofia.** 11. ed. Rio de Janeiro: Agir Editora LTDA, 2001.

MIORANZA, Ciro. Apresentação. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **A origem da desigualdade entre os homens.** São Paulo: Escala, 2007. p.7.

MARTINS, Mauricio Rebelo. Educação na primeira infância e o papel do educador no livro I. In: DALBOSCO, Cláudio Almir (Org.). **Filosofia e Educação no *Emílio* de Rousseau**: O papel do educador como governante. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2011. p.55-72.

McDERMOTT, L. A perspective on teacher preparation in Physics and other sciences: the need for special science courses for teachers. In: **American Journal of Physics**, v.58, 8, 7.

MÜHL, Eldon Henrique. Educação e emancipação: construção e validação consensual do conhecimento pedagógico. In: FÁVERO, Altair Alberto; Dalbosco, Claudio Almir (orgs.). **Filosofia, Educação e Sociedade**. Passo Fundo: Editora Universitária, 2003. p. 61-72.

MUNIZ, Luciana. Naturalmente criança: a educação infantil de uma perspectiva sociocultural. In: Kramer, Sonia; LEITE, Maria Isabel; NUNES, Maria Fernanda; GUIMARÃES, Daniela (Orgs.). **Infância e educação infantil.** Campinas, SP: Papirus, 1999. p.243-268.

NASCIMENTO, Luciana Monteiro do. **Educação Especial.** Indaial: ASSELVI, 2007.

NETTO, J. P.; BRÁZ, M. **Economia política:** uma introdução crítica. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

OLIVEIRA, Neiva Afonso**. Rousseau e Rawls:** Contrato em Duas Vias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

PEREIRA, Vilmar Alves. A unidade pedagógica na obra rousseauniana. **Vidya**, Santa Maria, v.01, n.3379308210, p.121-132, 2001.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

PLASTINO, Carlos Alberto. Paradigmas em crise e a Educação. In: BRANDÃO, Zaia (Org.). **A crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Cortez, 2010. p.33-49.

RIBES, Eva Lizety**.** Escola e meio ambiente – um intercâmbio produtivo. In: **Educação Brasileira Desafios e perspectivas para o século XXI**. Porto Alegre: Sulina 2000. p.75-88.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Padrão Referencial de Currículo, documento básico**. Porto Alegre, 1996.

_____. Secretaria de Estado da Educação. **Padrão Referencial de Currículo, documento intermediário.** Porto Alegre, 1996.

ROQUETTE, J. I. **Código do Bom-Tom.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **A origem da desigualdade entre os homens.** São Paulo: Escala, 2007.

_____. **Discurso sobre as Ciências e as Artes.** São Paulo: Martin Claret. 2009.

_____. **Emílio ou Da Educação.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **O Contrato Socia**l. São Paulo: Escala, 2008.

_____. **Os devaneios do caminhante solitário.** Trad. Julia da Rosa Simões. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

_____. **Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie**. Edição bilíngüe (francês e português). Trad. Dorothée de Bruchard. Porto Alegre: Paraula, 1994.

RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educação & Sociedade**, ano XXII, n.76, p. 232-257, Out./2001a.

_____. **Lições do príncipe e outras lições:** o intelectual, o politico, a educação. São Paulo: Cortez, 2001b.

_____. **Elogio à Educação**. São Paulo: Cortez, 1999.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.3, p.619-634, set./dez. 2006a.

_____. A razão de ser da filosofia no ensino superior. In: ENDIPE, 2006, Recife. **Anais do XIII ENDIPE.** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006b.

_____. **Filosofia da Educação:** construindo a cidadania. São Paulo: FTD, 1994.

SIMPSON, Matthew. **Compreender Rousseau.** Petrópolis, Rio de janeiro: Vozes, 2009.

STEIN, Ernildo. **Uma breve introdução à filosofia.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

STRECK, Danilo Romeu. **Rousseau & a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TEIXEIRA, Evilázio. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

VASCONCELOS, Amélia Thereza de Moura. A relação família, escola, comunidade. In: FICHTNER, Nilo (Org). **Transtornos Mentais da infância e da Adolescência.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.55-69.